

**Arquivo
quer público**

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III Nº 25/26
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO



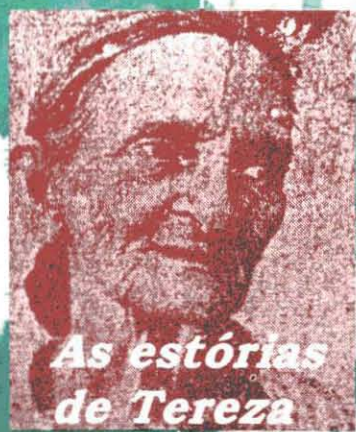
**Belém é
saúde**



**O mundo
e os
fins de
Cardoso**



**Os
versos
de
Quintina**



**As histórias
de Tereza**



**Samba
malandro**

Reviver Formosa

3ª ano

*A idéia era simples, mas ao mesmo tempo complexa: editar uma publicação voltada para a defesa e o incentivo à cultura. O então presidente da Câmara Legislativa, Salviano Guimarães, topou a parada e conseguiu, por unanimidade, aprovar o projeto original apresentado pelo escritor e historiador Paulo Bertran. Nascia o **DF Letras** e com ele a missão de imprimir a idéia, de concretizá-la. Hoje, em seu 3º ano de circulação, o **DF Letras** é uma realidade inquestionável.*



As revisoras
Vânia e
Anamaria

*Até chegar aos cinco mil exemplares atuais, a publicação passou por várias fases. De um simples tablôide, já no segundo ano de circulação, adotou o formato revista. A mudança gerou críticas e elogios, dividindo a comunidade artística. Alguns achavam que o **DF Letras**, ao entrar na era da informática, iria banalizar-se; outros, que perderia o **élan** acadêmico; a maioria, contudo, aprovou a idéia, e mais um desafio, feito de pura ousadia, foi vencido.*

*Agora, ao completar mais uma etapa, ao entrar em seu terceiro ano, o **DF Letras** busca outra fórmula: uma outra diagramação para facilitar ainda mais a leitura das matérias. Apresenta também um novo logotipo. É mais um desafio, mais uma ousadia. Mais uma etapa a ser vencida. A equipe que faz, a duras penas, o suplemento cultural, tem uma certeza: está procurando fazer o melhor em prol da cultura.*

*De desafio em desafio, de ousadia em ousadia, com tenacidade e perseverança, esperamos até o final deste ano atingir três metas: aumentar sua tiragem para 10 mil exemplares, publicar em Braille contos e poesias e promover um concurso literário entre nossos escritores. Queremos criar o **Prêmio Literário DF Letras** e publicar uma coletânea para mostrar os talentos do Centro-Oeste ao resto do País.*

*O **DF Letras** é uma ousadia permanente.*

Nelson Pantoja



Do fotolito
à impressão:
trabalho exaustivo



Membros da equipe:
Tião, Lisboa, Nóbrega,
Margarette, Ana Beatriz, Perrone, Gardin e Oscar

O Arquivo está vivo

Memória documental de Brasília, o Arquivo Público não dispõe de espaço físico para receber o público em geral. Apesar das dificuldades, o órgão já está totalmente informatizado e pretende sensibilizar as autoridades para divulgar a história da criação da capital de Brasília, especialmente entre os pesquisadores estrangeiros.

Brasília é a capital de todos os brasileiros. Para alguns a sua criação tem algo de divino, pois foi profetizada em sonho por D. Bosco. Outros a enxergam pelo lado místico e esotérico. Brasília teria a configuração da Íbis e seria a encarnação do Antigo Egito, e JK, a reencarnação do faraó Aknaton. Os mais céticos creditam sua construção a uma decisão iminentemente política a partir de José Bonifácio, em 1823, que propôs a transferência da capital para Goiás e sugeriu o nome de Brasília até a sua concretização com Juscelino Kubitschek.

Tudo isso é história mas para que todos esses documentos e informações não se percam é preciso que sejam recolhidos, tratados e preservados. Em Brasília há 11 anos esse trabalho é realizado pelo Ar-

quivo Público do Distrito Federal. Apesar de realizar um trabalho extraordinário para preservação da memória histórica e cultural de Brasília, o Arquivo sofre com a falta de um local mais acessível ao público e o pouco espaço físico de que dispõe.

Hoje poucas pessoas podem afirmar com segurança onde funciona o Arquivo Público do Distrito Federal. Ele está instalado em um conjunto de salas cedido pela Novacap, no Setor de Áreas Públicas, lote B, bloco 7, no caminho que vai para o ParkShopping, um centro de compras em Brasília. E mais! O Arquivo Público do DF também navega nas páginas da Internet (<http://www.gdf.gov.br/sec/sce/arpdf>) (E-mail: arpdf@gdf.gov.br), e é o primeiro Arquivo informatizado do País.

A falta de espaço não permite que o Arquivo receba um público maior

O Arquivo Público foi criado em 14 de março de 1985, pelo Decreto nº 8.530. Ele é vinculado à Secretaria de Cultura e Esportes do Distrito Federal. O órgão divulga a sua produção para a comunidade em geral, promovendo e organizando exposições, encontros e publicações. O Arquivo mantém, ainda, uma política de intercâmbio com instituições nacionais e estrangeiras.

O Arquivo é constituído por fundos públicos e privados, além de fontes auxiliares para pesquisa, tais como biblioteca e depoimentos orais. O Arquivo Público é aberto para consultas a qualquer cidadão. O acesso é restrito

apenas aos dossiês funcionais, por tratar-se de documentação que contém informações de caráter privado. É permitida a reprodução da documentação textual, cartográfica e dos depoimentos. Podem ser obtidas, ainda, ampliações fotográficas e cópias VHS de filmes e vídeos. Outro serviço prestado à comunidade é o fornecimento gratuito de declarações de tempo de serviço, para comprovação junto ao INSS, aos trabalhadores de empreiteiras que prestaram serviço à Novacap entre 1956 e 1970.

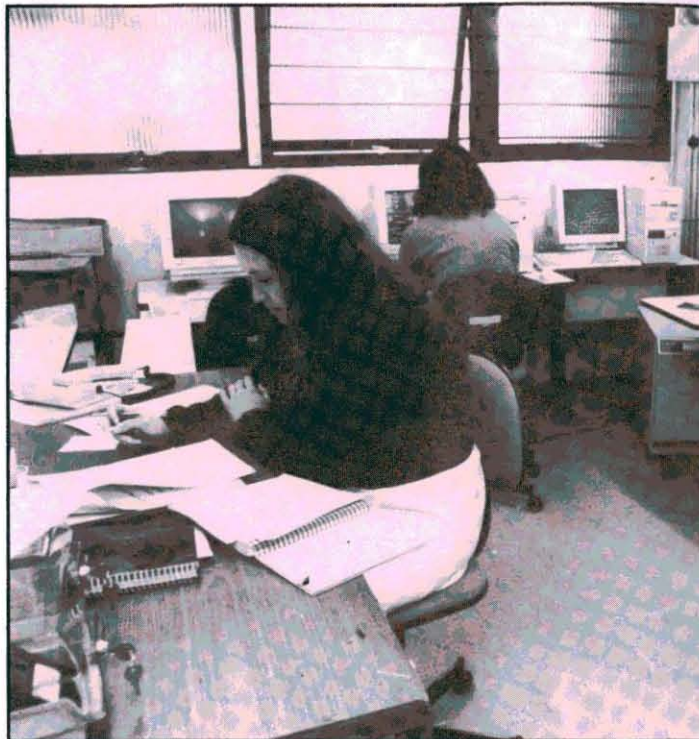
O pesquisador encontrará no Arquivo Público todo o material referente aos relatórios, planos e projetos anteriores à construção da nova capital desde 1892 e toda a documentação posterior gerada pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, até 1970. Esse acervo está reunido no Fundo Novacap. São 351, 45 metros lineares de documentação textual, além de filmes, fitas magnéticas, mapas e plantas sobre a construção da cidade. O Fundo da Secretaria de Comunicação Social é composto de toda a documentação fotográfica e fílmica gerada pelo governo do DF. São mais de 526 mil negativos fotográficos.

Dentre os fundos privados destacamos o do Brasília Palace Hotel, o primeiro hotel de grande porte da cidade, inaugurado em 30 de junho de 1958, e que funcionava como um centro de lazer para todas as pessoas que moravam em Brasília. O Fundo Yvonne Jean, ex-professora da Universidade de Brasília, já falecida, reúne uma grande quantidade de documentos, objetos de arte, relatos de eventos e viagens, do cangaço e de Brasília. O Arquivo Juca Chaves, engenheiro, também falecido, pioneiro da construção da capital, reúne registros fotográficos de obras e eventos do início de Brasília.

Espaço. Essa é a palavra vital para que o Arquivo Público do Distrito Federal possa cumprir a contento as suas funções de recolher, tratar, divulgar e dar acesso a todas as informações e documentos oficiais e particulares que irão se constituir no acervo da memória histórico-cultural de Brasília. A falta de espaço físico nas atuais instalações do Arquivo Público tem obrigado o órgão a parar de recolher novos documentos e a impor condições para atender ao grande número de pesquisadores que ali buscam subsídios para seus trabalhos.

O alerta feito pela chefe de gabinete do Arquivo Público do Distrito Federal, Vânia Caldas, ganha maior dimensão por ser Brasília a única cidade contemporânea tombada neste século como patrimônio cultural da humanidade, título concedido pela Unesco.

Considerado como um dos melhores do país e reconhecido nacionalmente, o Arquivo Público foi pioneiro no uso da informática. Hoje os 61 servidores do órgão já foram treinados visando à informatização de todas as atividades do Arquivo. Está em andamento, também, a implantação do projeto de digitalização de imagens do arquivo de fotografias e vídeos, que colocará à disposição do público material para pesquisa com entrega imediata dos documentos, ao contrário do que ocorre hoje: o pesquisador escolhe o material e só pode buscá-lo após vários dias.



O espaço é vital

Vânia Caldas, chefe de gabinete do Arquivo Público, falou ao DF-LETRAS sobre as dificuldades do órgão, ressaltando a dedicação de todos os funcionários. Abaixo, a íntegra da entrevista.

DF-LETRAS - Qual é o acervo do Arquivo Público hoje?

Vânia Caldas - Se levados em conta seus 11 anos de existência, o Arquivo já tem um volume considerável de documentos. A

nossa função é recolher, tratar, divulgar e dar acesso às informações contidas no acervo recolhido.

DF-LETRAS - Em que consiste esse acervo?

VC - São documentos produzidos e recolhidos de todos os órgãos públicos do Governo do Distrito Federal e de privados.

DF-LETRAS - O Arquivo conta com mais algum tipo de apoio ao pesquisador?

VC - Conta. O Arquivo tem ainda uma biblioteca de apoio sobre a história de Brasília e um banco de recortes de jornais de Brasília que tem como tema o Distrito Federal, o GDF e as coisas da cidade.

DF-LETRAS - Qual é hoje a estrutura do Arquivo Público?

VC - O Arquivo dispõe de 61 servidores, desde pesquisadores de documentos até pessoal de apoio administrativo.

DF-LETRAS - Quais os principais problemas enfrentados pelo Arquivo Público?

VC - A falta de espaço é sem dúvida o pior deles. Hoje as nossas instalações cedidas pela Novacap já não atendem mais as nossas necessidades. A falta de espaço tem impedido o recolhimento de novos documentos ao Arquivo. Inclusive improvisamos até corredores como salas para arquivar documentos. Com isso boa parte dessa documentação que não está sendo recolhida pode estar se perdendo e pode se transformar em danos irreparáveis para a história de Brasília. Estamos pleiteando junto à Novacap a ampliação de um espaço alternativo de 500 m², aqui mesmo no Arquivo Público, para minimizarmos o problema. Mas somente com a construção definitiva da sede do Arquivo Público próximo ao Memorial JK é que o problema será resolvido.



"O prédio do Arquivo não comporta mais novos documentos, colocando em risco a memória histórica de Brasília"

DF-LETRAS - A falta de espaço para os documentos não prejudica também o acesso dos pesquisadores ao material já existente?

VC - Este ponto também é problemático. Às vezes temos que retirar os próprios servidores do Arquivo de suas salas para dar lugar aos pesquisadores. Como nós temos aqui documentos da Secretaria de Segurança e do Centro de Inteligência relacionados com

fatos políticos e que pela lei aprovada pela Câmara Legislativa são confidenciais e só os próprios interessados têm acesso, às vezes temos que improvisar salas para essas pessoas retirando o nosso pessoal de suas mesas de trabalho.

DF-LETRAS - Que outro tipo de pesquisadores acessam o Arquivo?

VC - Atualmente atendemos cerca de cinco pesquisadores diariamente, nacionais e internacionais. Tem sido muito comum a pesquisa feita no Fundo Novacap para contagem de tempo de serviço para fins de aposentadoria dos antigos candangos que ajudaram na construção de Brasília. Muitos chegam aqui com poucos dados e após longa pesquisa conseguimos dar a declaração que eles precisam para se aposentarem.

Temos também os pesquisadores de pós-graduação na área de Arquitetura e Urbanismo, principalmente americanos, alemães e japoneses. Inclusive os japoneses estão interessadíssimos em toda epopéia histórica da construção e consolidação de Brasília como cidade capital do País. Eles pretendem construir uma nova capital para substituir Tóquio e ficam perplexos quando descobrem que fizemos Brasília em pouco mais de três anos e meio. Para eles isso parece quase impossível.

DF-LETRAS - Existe algum projeto para divulgar a história da cidade no exterior?

VC - Nós apresentamos uma proposta ao Ministério da Cultura buscando apoio para levarmos alguns projetos desenvolvidos pelo Arquivo Público, entre eles o Brasília em 4 tempos, que abrange desde os primeiros estudos, construção, inauguração e a cidade hoje, para o 13º Congresso Internacional de Arquivos, que será realizado em setembro deste ano na China. Esperamos conseguir esse apoio para Brasília.



O Arquivo Público é pioneiro no uso da informática. Os 61 servidores do órgão foram treinados e implantaram um projeto de digitalização de fotografias e vídeos.

Dedicados, os servidores só reclamam da falta de espaço, que os obriga a espalhar estantes pelos corredores do prédio em prejuízo da pesquisa e da própria conservação dos documentos.



O número de contos populares que Luzia Tereza dos Santos gravou coloca-a entre os mais pródigos narradores do mundo. Há notícia de um narrador israelense, tido como o que mais contos populares transmitiu em seu país, que contou "mais de duzentas estórias" (um número impreciso), mas não se sabe de ninguém que haja atingido a marca das 236 narrativas, como Luzia Tereza.

A narradora paraibana, que nasceu em Guarabira a 15 de março de 1909 e faleceu em João Pessoa a 31 de maio de 1983, durante seis anos (1977 a 1983) gravou contos populares para o projeto "Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba", desenvolvido pela Universidade Federal da Paraíba/PRAC/COEX, através do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular.

Boa parte das estórias que contou, Luzia Tereza aprendeu em criança, na zona rural de Guarabira, onde morava, em noites em que a vizinhança se reunia nos terreiros das casas e entre as conversas sobre os acontecimentos do dia, quando, invariavelmente, narravam-se contos populares. Também nos trabalhos coletivos como as farinhadas (fabrico de farinha de mandioca) e debulhas de feijão, o entretenimento era contar estórias. Mas ela atribuía a grande quantidade de estórias que sabia sobretudo a Luiz, o marido de quem falava com tanto carinho e com quem tudo aprendeu. Também disse haver ouvido grande número de contos de um velhinho, seu vizinho em João Pessoa e amigo de Luiz.

Impressionava em Luzia Tereza a expressividade do rosto, dos braços magros e longos, das mãos descar-

LUZIA TEREZA

A contad de estória

□ Altimar Pimentel

nadas que se erguiam ou que ela utilizava em gestulações tão precisas. A expressão corporal compunha com as variações vocais as inflexões apropriadas aos momentos mágicos e cativantes em que narrava. Os gestos desenhavam personagens e situações, evocavam imagens, delineavam seres e coisas. A velhinha calada, acanhada, tímida, transmutava-se narrando

estórias de príncipes, princesas, fadas; vivia cada personagem e colhia exemplos locais para melhor visualização da narrativa.

Na narração de Luzia Tereza, observam-se não só construções frásicas bastante curiosas como expressões, termos já em desuso ou desconhecidos, por ela empregados, como se fossem próprios da narrativa, a ela inerentes.

A maior contadora de contos populares é brasileira: Luzia Tereza. Entusiasmado com sua memória extraordinária, o editor Victor Alegria, da Thesaurus, publicou recentemente um livro em que, através da pesquisa de Altimar Pimentel, estão compiladas todas as suas estórias. A Universidade Federal da Paraíba resgatou para a posteridade a obra desta magnífica narradora.

ESTÓRIAS DE TEREZA

Os dois vaqueiros

Bem, morava um homem num arrabalde com dois filhos. Desde pequenos esses meninos diziam que quando crescessem queriam ser vaqueiros. Agora, aqueles dois irmãos, tinha um corajoso e outro medroso. Cresceram, ficaram rapazes, saíram

a procurar um patrão para trabalhar de vaqueiro. Andaram, andaram, acharam uma fazenda, procuraram ver se tinha trabalho.

- Tem.

- Mas nós só queremos se for para todos dois, que nós somos irmãos, só podemos trabalhar juntos.

Ficaram eles dois trabalhando de vaqueiro. Com muito tempo que estavam trabalhando na fazenda, perderam-se dois bois dentro da mata e eles foram atrás ver se achavam. Saíram dentro da mata, andaram, andaram, andaram, ouviram os berros de duas cabras.

- Fulano, dentro desta mata tem duas cabras perdidas. Vamos atrás?

O medroso disse:

- Fulano, a gente caçando bois, agora se apresentar berros de duas cabras!

Mas foi mais o outro. E aquelas cabras berrando. Quanto mais eles andavam, mais as cabras ber-



ravam longe, longe. Eles atrás dos berros das duas cabras e elas berrando pra longe. Eles botaram o cavalo atrás, botaram o cavalo atrás. Andaram, andaram, muito na frente se apresentaram duas novilhas de cabra da cor de uma lavareda de fogo.

- Vamos pegar!

Botaram o cavalo e pega aqui, pega acolá... Pegar o quê? Com uns tempos que lutaram as cabras sumiram e se apresentaram duas defuntas. Aí, sim! O irmão medroso se agarrou no outro:

- Meu irmão, me acode que esta defunta quer me pegar! Quer me carregar!

- Deixe de ser medroso! Crie coragem que nem eu! Deixe de ser medroso!

- Não, meu irmão! Esta defunta me leva!

E agarrava-se com o irmão. Foi uma luta medonhona! Aquelas duas defuntas - uma para um, outra para outro. O irmão me-

droso assubiu de pau para riba, dependurado num cipó e a defunta puxando ele para baixo. E ele:

- Me acode, meu irmão, que esta defunta me mata!

Lutaram, lutaram, lutaram... Com muita luta, uma disse ao irmão corajoso:

- Aqui vai haver um grande vulcão. Fulano vai emburacar na frente. Nós vamos botar ele na frente,

porque se nós formos na frente, ele não vai que tem medo.

A defunta pegou o medroso, botou nas costas, emburacou de cabeça abaixo naquele vulcão que apareceu assim de repente. Aquele outro, o corajoso, pegou a defunta, botou nas costas e emburacou atrás. Quando bateu lá embaixo, estabeleceu o reinado mais rico do mundo! Então, a rainha, mãe de duas princesas que tinham desencantado, disse:

- Bem, estabeleceu! Desencantaram-se minhas duas filhas! Foram dois vaqueiros que desencantaram minhas duas filhas. Agora vão se casar esses dois vaqueiros, cada um com uma princesa.

Mandou eles tirar aqueles vestuários de vaqueiro e tomar banho. Trajou eles de príncipe e casou com as duas princesas. Cada um com uma. Pronto!

Criada em ambiente rural, Luzia Tereza contava suas estórias em noitadas em que a vizinhança se reunia nos terreiros das casas.



Formosa dos Coiros

Num texto em que predomina o estilo coloquial, Maria Aparecida Hamu Opa conta facetas do cotidiano de Formosa desprezando dados históricos. Ela prefere lembrar passagens da vida da cidade enfocando os ensinamentos do sempre presente Machado de Assis: "O passado é um pecúlio para quem não tem presente nem futuro".

□ Maria Aparecida Hamu Opa

Ouvir e contar histórias de nossa gente ou recordar fatos já vividos foi sempre para mim motivo de prazer e de amena e gostosa nostalgia.

Todos gostam e muita gente importante já tentou achar justificativa: Machado de Assis disse que "o passado é um pecúlio para quem não tem presente nem futuro". Um inglês escreveu que "o passado é uma obra de arte, isenta de irrelevâncias e inconseqüências". Mas o certo mesmo é que no passado estão os dias felizes e irresponsáveis acompanhados das pessoas que amamos muito um dia e que para lá se mudaram.

Por tudo isto foi que, ao

ser chamada para falar nesta significativa oportunidade, não relutei em aceitar. Consciente depois da responsabilidade que me foi conferida, assustei-me. É este um momento ímpar para a história de Formosa, onde poucos se preocupam em coletar informes sobre grande parte da nossa cultura que se esvai pelo tempo e que tanto significou na formação, nas conquistas e na vida da nossa cidade de hoje.

Assim, foi o coração, o amor e a saudade que decidiram sobre as lembranças que hoje lhes trago.

Não pretendo neste texto levantar dados históricos nem político-administrativos.

Não vou questionar se é realmente correta a

assertiva de que as primeiras casas foram cobertas de couro. No entanto, Cunha Matos na *Chorografia Histórica da Província de Goiás*, de 1824, cita exatamente:

"...estive no Itiquira, donde passou para o lugar dos Couros, assim chamado em razão da enormíssima quantidade de gado manso e feral que ali se acumulavam e eram exportados para o Rio de Janeiro e outros lugares."

Se, como se diz, o arraial foi fundado pelos negros, e a primeira rua era denominada Rua dos Crioulos, onde estão os descendentes destes negros? Para onde foram? E por quê? Não tenho lembranças de famílias com caracte-



Visão panorâmica de Formosa antiga: praça Imaculada Conceição e rua Herculano Lobo

terísticas físicas de escravos!

Nunca fiz nenhuma pesquisa científica e o que lhes vou expor neste momento são causos de minha memória – ou os vi acontecer ou os ouvi contar.

Um profundo sentimento religioso sempre impregnou a vida formosense. A chegada dos dominicanos em 1905 certamente influenciou de forma significativa neste aspecto. A velha matriz, amparada em um paredão vertical à direita, que chamávamos de gigante, era o centro da comunidade local; rezas, festas religiosas, casamentos, promessas e devoções. Destas, as que maiores saudades me trazem aconte-

ceram no mês de maio. Um frio intenso nos acompanhava às 6 da manhã para a missa em latim, durante o mês todo e à noite havia a oferta de flores. As alunas das escolas, ensaiadas pelas irmãs, iam vestidas de branco oferecer flores a Nossa Senhora. Enfileiradas, cantando, em formações variadas e originais, contornavam o interior da igreja e subiam até o altar-mor para que as primeiras das filas, vestidas de anjo, coletassem as flores e as depositassem aos pés da Virgem. E cantávamos: *Vinde povos trazer flores Cantar hinos de alegria Saudar com mil louvores A doce Virgem Maria.*

.....
*Neste mês de alegria
Tão lindo mês de flores
Queremos de Maria
Celebrar os louvores...*

No dia 31, com maior solenidade, a Mãe do Céu era coroada. E com que emoção participávamos da subida aos degraus do altar para ficar no topo, tocando o teto e ao lado da imagem de Nossa Senhora da Conceição.

A Semana Santa, embora silenciosa e triste, constituía realmente, durante toda a Quaresma, um tempo de contrição e de recolhimento. As imagens todas eram vestidas de roxo, às sextas-feiras não se comia carne e à noite, à via sacra, se cantava:

*A morrer crucificado
Meu Jesus é condenado
Por teus crimes pecador!*

Sexta-feira da Paixão a tristeza baixava sobre a cidade e parecia que neste dia até os galos cantavam

tristes. Não tocavam os tradicionais sinos da igreja. A hora da procissão do enterro era avisada pela matrícula: uma alça frouxa de ferro afixada numa tábua que, agitada, fazia um ruído característico e conhecido.

Isto sem falar das inúmeras crendices que provocava este dia:

– Tirar leite? Saía sangue.

– Carrear? Virava alma penada após a morte e passava anos carreando pelas madrugadas das sextas-feiras e assombrando a gente. Quem da minha geração não ouviu o canto do carro de boi assombrado? E o monjolo daquele indivíduo que socou arroz na Sexta-Feira da Paixão?...

Como era feliz, ingênuo e crédulo o nosso povo... Eu juro que até pelos anos 54 e 55 ouvi um carro cantador na sexta-feira e

Bucaina. Ouvi tantas histórias, que planejei mil vezes procurar os antigos moradores ainda vivos então, e morando cá na cidade, correndo da tal assombração. Não o fiz. E sinto por isto.

Várias lendas povoaram a minha infância: a palmeira da Lagoa Feia; a serpente da Praça Rui Barbosa, o porco imenso que à meia-noite aparecia sob o velho jatobazeiro da Bica.

A querida e famosa Bica, que hoje nada mais é que um córrego canalizado sob o asfalto da Av. Brasília, foi logradouro importante para a nossa juventude. Era lá que, às tardes, antes da “reza” na matriz, íamos passear. Sem as preocupações e as contaminações de agora, bebíamos com as mãos em concha a água fresca que descia da nascente localizada na

Formosa atual: ruas movimentadas demonstram o crescente comércio



tive medo.

Oh! e medo mesmo eu tive do Romãozinho! As coisas mirabolantes que contavam com tanta veemência e riqueza de detalhes abalam até hoje a nossa incredulidade no sobrenatural. Passei certa vez, há menos de 20 anos, pela casa onde ele reinou, lá pelos lados da fazenda

mata pouco acima.

Daí o chiste popular, que não é só nosso, como cita o Dr. Pimentel (Antônio Pimentel é historiador) também em seu livro sobre Luziânia: “Quem bebe água da bica, aqui fica”.

A juventude de hoje questiona como era nossa vida naquela era sem TV, sem CD e sem vídeo. No



ZÉ RAMALHO
(PDT)

Pouca gente sabe, mas Brasília possui um dos mais completos arquivos públicos do Brasil. Incomparável fonte de pesquisa histórica e cultural, através de documentos, livros, fotos e vídeos, o nosso arquivo público, infelizmente, é pouco conhecido e procurado.

Precisamos estimular as crianças a descobrir suas raízes e incentivar os professores a levar seus alunos para conhecer e pesquisar nossa história. Então, que tal um passeio no Arquivo Público?



ODILON AIRES
(PMDB)

O Arquivo Público é um reservatório e guardião de toda a memória de uma cidade. Pois é nele que os estudiosos e historiadores do amanhã haverão de encontrar material de pesquisa e de resgate de um povo, além de um confronto histórico. O de Brasília é a prova evidente dessas premissas, pois nos mostra um acúmulo de mais de duzentos anos da história do nosso Planalto Central.

entanto, lazer e entretenimento não nos faltavam: piqueniques na Lagoa Feia, na Usina, nas fazendas, na Chácara dos Padres; festas religiosas com leilões e barraquinhas; bailes familiares tão constantes que, mesmo sem motivo, tudo terminava em “bolero”.

Tínhamos também cinema e teatro às vezes.

Certa feita, em ano que não me recordo, às novenas de Nossa Senhora da Abadia, principal festa daqueles tempos, quando moradores de todas as bandas demandavam à cidade e acampavam no mato da Bica, os leilões iam animados. A banda de música tocava, o leiloeiro apregoava e a moçada namorava.

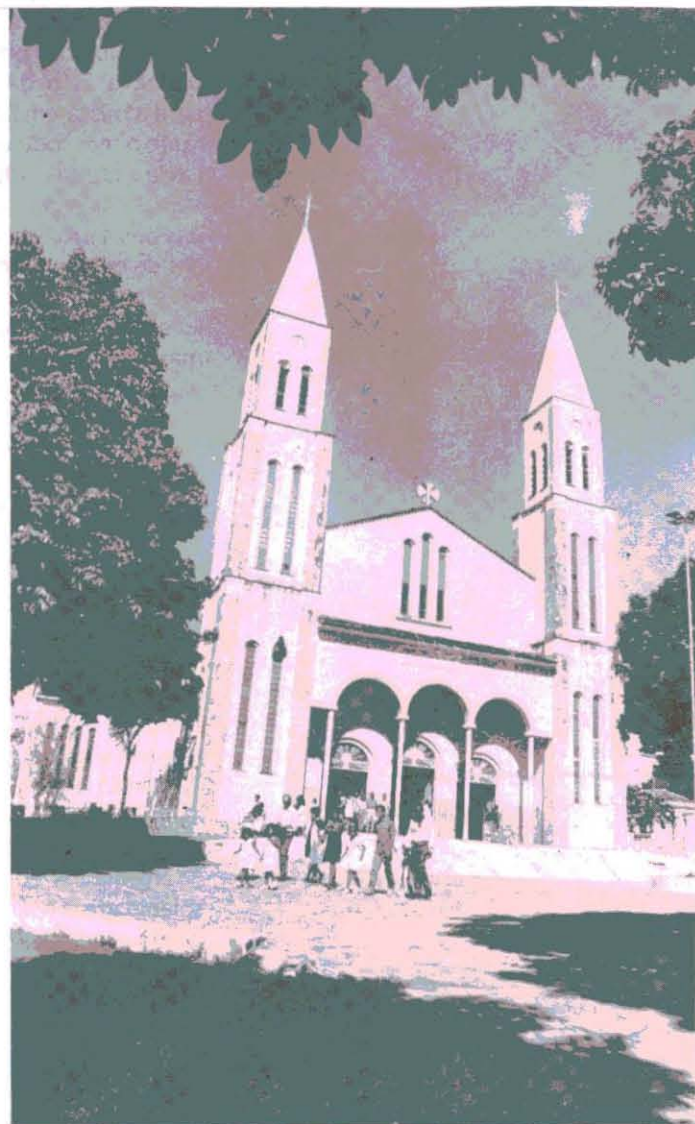
Um gaiato anunciou a notícia bomba: “Saul está entrando na cidade”.

Foi aquele corre-corre e a festa acabou, pois todos corriam em demanda às suas casas.

Saul foi o cangaceiro desta região e embora não tenhamos notícias sobre sua ação nesta cidade, a sua fama de Lampião ame-drontou Formosa várias vezes.

Conta-se que, naquela noite em que a notícia desbaratou o leilão, um determinado indivíduo apavorado corria para casa quando sentiu os fundos de sua calça umedecidos. Apalpou e sentindo a mão molhada, levou-a à altura do nariz e reconhecendo um odor característico exclamou: “Socorro! Se sangue feder, estou ferido!”

Não quero em absoluto deixar a imagem ou a falsa impressão de que a sociedade formosense daquela época era ignorante ou simplória. Pelo contrário, a educação em Formosa desde a 1ª década deste século tem sido mola do progres-





A construção da suntuosa catedral de Formosa, símbolo da cidade, começou em 1959. A antiga igreja de Santo Estevão está localizada na praça Rui Barbosa.



so, da ordem e da felicidade.

Tenho em mãos cópias de números da *Informação Goiana* que trazem notícias bastante elogiosas sobre a educação em Formosa:

“Citarei aqui algumas das mais importantes casas de ensino particular no Estado de Goiás onde a educação intelectual vai progredindo dia-a-dia da maneira mais auspiciosa.

Sob a brilhante direção do Professor Antônio Euzébio de Abreu, que há vinte anos milita no magistério, há nesta florescente cidade do planalto central um magnífico instituto de ensino secundário, onde se lecionam todas as matérias exigidas para a matrícula nas escolas superiores.

Dispõe o Colégio Formosense de confortável edifício, com lotação para mais de 100 internos.

Ao lado do internato funciona o externato, que é bem freqüentado. Além do curso propedêutico, há

Casa comercial e residencial do Dr. Olímpio de Melo Álvares, onde se negociavam secos e molhados

ainda aulas de higiene escolar, instrução cívica com exercício militar à francesa e jiu-jitsu.

Ainda de iniciativa particular, há em Formosa um colégio de irmãs dominicanas, onde a matrícula atinge anualmente ao número de 180 alunos. Atualmente, é a cidade goiana que dispõe de melhor instrução”. (O Ensino em Goiás, Vítor de Carvalho Ramos. Rio de Janeiro, 15/11/1917.)

Quase um ano depois é o próprio professor Antônio Euzébio que escreve na mesma *Informação Goiana*, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1918. Por ser extenso cito apenas alguns extratos: “... Entre outros devo citar o de Formosa, o qual tive o prazer patriótico de organizar à requisi-

ção do governo local cujo programa de ensino e métodos empregados deveriam merecer imitação por parte dos demais municípios goianos e outros e outros, por este país afora, onde a instrução primária ainda conserva como troféu colonial o bê-a-bá cantado segundo a cartilha bissecular do apoteosado professor Coruja. O grupo escolar de Formosa, moldado de conformidade com os métodos modernos, mais produtivos, tem um programa expurgado de todas as inutilidades e sobrecargas que confundem e esmorecem os jovens escolares, que, assim, se retiram dos muitos estabelecimentos que freqüentam, ignorando as regras mais elementares da linguagem nacional e desconhecendo ordinariamente as mais simples noções de geografia do seu Estado e do Brasil.

O curso escolar é ali de quatro anos, podendo o alunado inteligente e aplicado ser promovido três



JOSÉ EDMAR CORDEIRO
(PSDB)

Apesar de ter dado sua contribuição para o desenvolvimento do País, o idoso é penalizado com a ausência de medidas que o tirem da marginalidade. Para valorizar e dar dignidade à terceira idade no DF, apresentei projeto criando a Bolsa Idoso. Além de garantir uma cesta básica de alimentos e meio salário mínimo ao idoso a partir dos 65 anos, a proposta prevê acesso gratuito aos espetáculos culturais, esportivos e recreativos. Serão reservados 5% da lotação aos idosos, quando os programas forem realizados em recintos fechados.



JORGE CAUHY
(PMDB)

Todos os dias tomamos conhecimento de um volume considerável de acontecimentos e informações, que mal temos tempo de analisar em sua real profundidade. Talvez aí resida a máxima de que o "brasileiro tem memória curta". No caso específico de Brasília, cidade com apenas 36 anos, é indispensável o trabalho realizado pelo Arquivo Público de registrar para as gerações futuras a memória cultural da cidade. Lamentamos apenas que trabalho de tal magnitude não receba a contrapartida necessária de recursos humanos e financeiros para melhor desempenhar seu propósito.

vezes no decurso do ano escolar e receber no fim do 1º ano de frequência o seu certificado de "conclusão", que o isenta da obrigatoriedade de ensino e lhe permite cuidar dos seus interesses ou auxiliar a família com o concurso do seu trabalho".

As idéias expressas pelo professor Antônio Euzébio neste texto nos levam a uma análise surpreendente pela consciência do significado social e político com que o professor estabelecia as normas do seu Colégio Formosense.

A juventude formosense fez jus ao espírito democrático da sua escola, quando, na campanha eleitoral de 1944/45, manifestou-se de forma dinâmica e entusiasta pela oposição. Anos antes, ainda na dita-

dura de Vargas, era interventor de Goiás Pedro Ludovico Teixeira. Na praça Rui Barbosa (no jardim como era chamado) foi erguido um pedestal com o busto do impoluto interventor. Mas a rapaziada desta terra tomou-se de birra com o dito busto. Em primeiro lugar, viraram-no para o norte. Foi um "Deus nos acuda". Foram todos os jovens do sexo masculino e pertencentes à UDN intimados à Delegacia de Polícia. Os de maior fama foram mesmo trancafiados nas grades. O tempo passou e, à calada da noite, arrancaram o busto e o jogaram na cisterna que havia no jardim. De lá foi retirado, e, restaurado com solenidade, recolocado no pedestal.

Vivemos mais algum tempo e, certa manhã, o sacristão, ao se dirigir ao campanário para tocar o primeiro sinal para a missa das seis horas, deparou-se com o busto do Dr. Pedro Ludovico enforcado nas cordas do sino da matriz. Aí,

sim, acabou a história do busto, cujo destino ignoramos.

Formosa teve campanhas eleitorais memoráveis! Quentes, buliçosas até certo ponto rancentas, pois os adversários políticos naquela época e no calor das campanhas se tornavam inimigos pessoais. Entre correligionários, no entanto, a amizade era total. Os candidatos se transformavam em ídolos e as alas jovens que animavam os comícios eram apenas entusiastas admiradoras.

Todas as palmas, os "já ganhou" e os "muito bem" eram totalmente gratuitos. Eu, macaca de comício, fiquei mais de uma semana com a mão direita "preservada" até de água, porque tinha sido tocada por Eduardo Gomes.

Contam por aí uma história que não sei se verdadeira ou não. Foi na época do Arraial de Couros, quando em 1777 a cabeça de julgado foi

O coreto da praça Rui Barbosa foi construído em 1939. Até hoje é uma construção que simboliza Formosa





**Festa do Divino:
tradicional em
Formosa**

Quem visita Formosa, antigo Arraial dos Couros, não deixa de lamentar a falta de preservação histórica da cidade. Os casarões e os prédios coloniais, aos poucos, foram desaparecendo do cenário local. Não há como negar, entretanto, que Formosa pulsa o seu cotidiano por atividades comerciais. A lagoa é um prazer à parte.

Chico Nóbrega

transferida para Flores. Não conheço bem como eram as regulamentações eleitorais naquela época, porém dizem que Formosa elegia seus vereadores e Flores os seus. Realizadas as eleições, Flores fez número maior de vereadores que Formosa. Os ânimos se arvoraram. E como a posse seria cá nesta cidade, tramou-se uma vingança. As cadeiras para assento do edil seriam verdes para um município e amarelas para o outro. Intencionalmente as cadeiras da bancada de Flores ficaram para serem pintadas no dia da posse. Com a tinta fresca, podemos avaliar o que aconteceu com a fatiota dos nobres vereadores.

A esta altura sinto-me insegura e preocupada sobre os meus dizeres. Lamento se os consideram como um monte de tolices inúteis e desafinadas. No entanto, apraz-me tanto lançar aqui sementes daquilo que considero e chamo

cultura. Cultura é a alma do povo. Através da alma conquistamos todas as virtudes que formam um cidadão útil e livre. A cultura na sociedade moderna é dinâmica e evolutiva. Nas mínimas manifestações, uma geração pode, dentro da sua própria existência, verificar mudanças. É o que acontece comigo.

O cancionero da minha infância era de uma dramaticidade até catastrófica. Quando ninava meus filhos eu gostava de cantar as músicas da minha meninice. A minha predileta era a história de um garotinho que desobedeceu a mãe e a irmã e foi

apanhar conchinhas na praia. Terminava assim:

*No outro dia bem cedo
Boiava o tenro corpinho
Tomai exemplo meninos
Deste infeliz coitadinho*

Meu filho mais velho fala hoje que dormia condoído e que eu lhe fazia tortura mental.

Terminando a *minha* história, pois é assim que eu o sinto, quero apenas tratar de uma dança que existia como típica no nosso município.

Segundo o Sr. Sebastião Spindola, esta dança era chamada curreleira. Tinha um ritual próprio. Era uma dança rápida com quatro homens: um com uma viola, um com um tambor e outro com um pandeiro enquanto o quarto batia palmas. E cantavam versos folclóricos como:

*Você disse que bala mata
Bala não mata ninguém
A bala que mais me mata
São os olhos do meu bem.
Lá em cima daquela serra
Passa boi passa boiada
Também passa uma morena*

*Da cabeça cacheada.
Oh! cabelo loiro vai lá em casa passear
Oh! vai cabelo loiro pra acabar de me matar!
Você disse que não me quer
É coisa que eu sinto pouco
Eu podia sentir muito
Só se não tivesse outro.*

In Memoriam

A pesquisadora, historiadora e professora Maria Aparecida Hamu Opa faleceu em março deste ano. Este foi o seu último artigo sobre Formosa, para o V Encontro de Historiadores do Planalto. Maria Aparecida foi Secretária Municipal de Educação e Delegada Regional de Ensino de Formosa. Com esta publicação, o DF-Letras lhe presta uma justa homenagem.



MARIA JOSÉ MANINHA
(PT)

O Brasil não é um país sem memória. É um país que não se preocupa em resgatar, preservar e divulgar a sua memória. No momento em que a imprensa brasileira resgata e torna pública a verdadeira história da Guerrilha do Araguaia, torna-se muito mais valioso o acervo da ditadura militar do DF, que conseguimos transferir da Secretaria de Segurança para o Arquivo Público. Com isso, preservamos um importante momento da nossa história, mas é preciso popularizar o acervo, para que não se apague da nossa memória a saga dos que morreram pela democracia e dos que mataram pela ditadura.



DANIEL MARQUES
(PMDB)

Há onze anos, com cuidado especial, a memória cultural de Brasília vem sendo preservada. São registros e mais registros de uma veloz e curiosa história que o Arquivo Público do DF protege a sete chaves. Nas suas estantes recolhe, preserva e garante proteção especial a documentos arquivísticos de valor permanente, produzidos e acumulados por toda sociedade para enriquecer o movimento cultural da cidade. Em sua linha de acervo, também não deixa de incluir arquivos privados de grande significado para a história cultural de Brasília.



A memória perdida...

□ Chico Nóbrega

Formosa fica a um pulinho de Brasília. Pouco mais de 80 km a separam da capital do País. Essa aparente proximidade se perde em cerca de 200 anos de história entre a fundação de uma e outra cidade.

Para quem mora em Brasília, acostumado com a arquitetura moderna, dominada por linhas retas que cortam o espaço, soltas, em todas as direções, inspiradas nas pranchetas criadoras de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, a chegada a Formosa é um choque, mas também um bálsamo para os nossos olhos cansados de modernidade. A aparente profusão de formas arquitetônicas das construções e o traçado das ruas nos fazem bem, trazem recordações de outras tantas cidadezinhas bem brasileiras que guardamos com carinho em nossas recordações de infância.

Praças e árvores centenárias. As casas já não são tão centenárias. Não existem mais aqueles casarões cheios de histórias e fantasmas. Eles deram lugar às novas construções mais moder-

nas ou modernas. Os menos saudosistas diriam: "É a marcha do progresso!" Talvez.

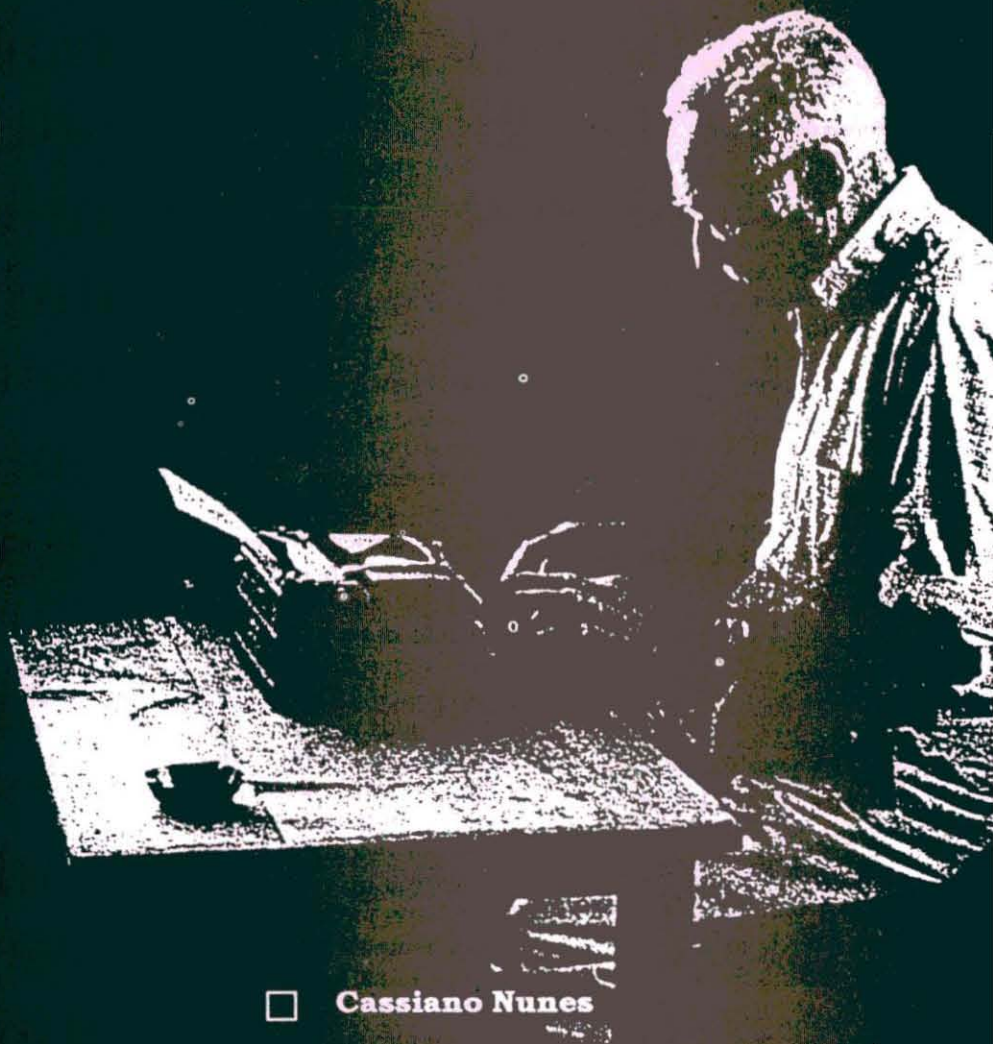
Chegamos perto do meio-dia. Fomos para a Praça da Igreja Matriz. Entre árvores e bancos, os alunos das várias escolas das proximidades se reuniam em grupos alegres, próprios da adolescência, tais como um bando de pardais em fins de tarde. Talvez a maioria não saiba nem o nome da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Conceição, que empresta o nome à Igreja Matriz.

Para nossa surpresa, a prefeitura só funciona após as 12 horas. Coisas do Brasil. Na Secretaria Municipal de Cultura conseguimos algumas informações turísticas da cidade. Ficamos a imaginar onde encontraríamos a memória histórica e cultural de Formosa. Depois de muito indagar descobrimos que chegamos tarde. A memória da cidade era viva e havia falecido pelo menos há dez anos. O historiador e filósofo Sinval Gonçalves de Oliveira fez de tudo em vida para preservar a memória da cidade, mas em vão.

Contam alguns moradores que depois de reunir uma grande quantidade de documentos e outros registros históricos, o Dr. Sinval queria que a sua casa fosse transformada em um museu após a sua morte. Segundo esses mesmos moradores, após a sua morte a família demoliu a casa por temer que a prefeitura tombasse o casarão, e toda aquela documentação se perdeu. Hoje o local da antiga casa do Dr. Sinval é um terreno baldio, feio e sujo.

Para uma cidade que não tem arquivo público, cinema, teatro e apenas uma biblioteca municipal doada pelo Lions Club e não conta mais com o trabalho exemplar de Dr. Sinval, nada se pode esperar em favor da preservação de sua memória cultural e histórica. Mas com certeza a cidade dispõe de nove agências bancárias, centenas de antenas parabólicas e milhares de antenas de televisão nas casas, não tão centenárias e cada vez menos casarões. E a memória da cidade ficou em algum lugar do passado.

ONDINA FERREIRA



□ Cassiano Nunes

O poeta Cassiano Nunes lembra Ondina para mostrar como, em nosso País, as editoras relegam os escritores a segundo plano. Embora talentosa, a autora de "Navio Acorado", entre outros livros, não tem espaço no restrito mercado editorial. Assim como ela, Cassiano aponta outros escritores que não têm chance de mostrar o seu talento.

Noutro dia, um jovem apaixonado pelas Letras, Ângelo Caio Mendes Corrêa Júnior, de São Paulo, com quem me correspondo – não obstante esteja fora do poderoso eixo literário Rio - São Paulo, tenho uma grande correspondência com escritores –, mandava-me notícia da escritora Cacy Cordovil, agora com 85 anos de idade, de quem não ouvia falar há décadas. Nunca a conheci pessoalmente, mas fiquei

bem a par do sucesso do seu livro *Roda de Fogo*, lançado pela editora José Olympio, em 1941. Sérgio Milliet e Álvaro Lins a saudaram com palavras de louvor, calorosas.

Este caso tem bastante semelhança com o de minha amiga Ondina Ferreira, amiga que não vejo há muitos anos, é verdade, mas com a qual nunca deixei de corresponder-me. Acontece, contudo, que embora ambas tenham aparecido nos

primórdios da década de 40, Ondina Ferreira, diferentemente de Cacy Cordovil, não se limitou a soltar um ou dois livros, mas, ao contrário, publicou, diligentemente, mais de uma dezena de romances. Só na editora Saraiva, onde nas funções de consultor literário a recebi e conheci, ela publicou cerca de seis livros. De 1948, data do lançamento de *Navio Acorado* na popular Coleção Saraiva, até 1969, quando se des-



MARCOS ARRUDA
(PSDB)

País que não cuida de zelar pela sua história, pelo seu passado, é um país sem memória e por isso sem futuro. O trabalho do Arquivo Nacional, por zelar pela nossa história, pela nossa identidade, é de suma importância para todos nós, brasileiros. É por intermédio do Arquivo Nacional que cientistas sociais, pesquisadores, professores e demais interessados estudam o nosso País e permitem que nós possamos apontar novos caminhos rumo ao futuro, sem cairmos em erros que cometemos no passado.



RENATO RAINHA
(PL)

A memória da nossa gente, do nosso povo está presente no Arquivo Público do Distrito Federal. Documentos de valor histórico, acumulados ao longo dos anos pelo governo do Distrito Federal, estão guardados para a posteridade e com certeza preservam grande parte da história de nossa cidade e seus moradores. Garantir a boa conservação desses documentos é garantir o nosso passado e, conseqüentemente, as decisões importantes que aqui foram tomadas.

pediu da tradicional editora, ao publicar *Uma só Carne*, a escritora teve constante apoio editorial e, por conseguinte, contacto com o público. Várias vezes também ela recebeu prêmios, importantes pelo seu prestígio. Além disso, Ondina sempre viveu em São Paulo ou no Rio, onde se acha há alguns anos e, portanto, não houve nenhum distanciamento seu com os nossos dois maiores centros literários e editoriais.

Certa vez, epistolarmente, tentei explicar, à talentosa ficcionista, por que existiria um certo retraimento do público feminino com relação aos seus romances. Justificava eu a ausência de um apoio fervoroso das leitoras para os romances de minha amiga porque eles freqüentemente descreviam situações torturantes das mulheres contemporâneas, vítimas ainda não só do machismo mas também dos preconceitos sociais. Esse tema constante – ponderava eu – era motivo de perturbação ou angústia. As mulheres modernas possivelmente desdenhavam essa temática. Estavam mais interessadas em criar um futuro radioso do que em examinar a carga putrefata do passado. A passagem dos anos parece que me deu razão. Ondina Ferreira, se não erro, deixou de encontrar, como antes, a boa acolhida das editoras e das comissões julgadoras de concursos literários.

Imprevistamente, há pouco, me chega às mãos *A Espiral da Solidão*, o mais recente romance de Ondina Ferreira. Chegaram, na verdade, os originais datilografados, aguardando a publicação, ainda

sem conhecer o estado consagrador de livro. Li o romance com interesse e prazer, como nos velhos tempos.

Este romance começa com a luta conjugal, costureira nos romances de Ondina, e passa logo para um tormento que não é menor: uma mãe, moldada no passado, tentando compreender uma filha difícil, que é um modelo dos costumes modernos menos saudáveis. *A Espiral da Solidão*, no meu entender, mantém o nível elevado de realismo objetivo e subjetivo dos outros romances da escritora, publicados pela editora onde atuei durante alguns anos.

Relendo uma das "orelhas" de *Casa de Pedra*, publicado em 1952 pelos meus antigos patrões, reencontro o meu pensamento crítico sobre a autora de *Medo e Chão de Espinhos*: "Ondina Ferreira corresponde no Brasil a Josephine Lawrence ou a Helen Grace Carlisle nos Estados Unidos, isto é, salienta-se como uma romancista que coloca, acima das preocupações de técnica e de forma, a necessidade essencial de expressar a vida. De Helen Grace Carlisle, a emotiva criadora de *The Mother's Cry*, a escritora paulista tem a mesma vibração e calor humano, e de Josephine Lawrence, a narradora sensível e minuciosa de *The Pleasant Morning Light*, possui a mesma capacidade descritiva e fluidez estilística, sensibilidade e toque poético. De igual modo que estas duas escritoras americanas, a autora de *Vento de Esperança* e *Inquietação* nos oferece uma visão feminina do mundo. A mulher aparece,

nos seus romances, analisada e julgada de um ângulo feminino, diferentemente do que acontece na maioria dos livros, em que a mulher é vista, observada, do ângulo masculino".

O que me parece ter ficado mais fortemente da leitura dos livros de Ondina Ferreira foi a convicção de que ela alcançou um nível de realização límpido, satisfatório. Em artigo que escrevi sobre *Navio Acorado*, o primeiro livro que ela me trouxe, salientei a sua boa qualidade formal. Escrevi, então: "Li um dos primeiros livros da Sra. Ondina Ferreira, e confrontando-o agora com *Navio Acorado*, pude observar o progresso estilístico feito pela escritora."

Durante os anos em que Mário da Silva Brito e eu permanecemos na direção literária da editora Saraiva, não faltou a nossa aprovação aos livros de Ondina Ferreira, que chegavam, esperando publicação. Sempre eles nos satisfaziam e a mim especialmente pareciam um avanço qualitativo sobre as criações anteriores.

Lendo, agora, *A Espiral da Solidão*, ainda inédito, e ao que parece pouco desejável pelas editoras do presente, recordo tempos pretéritos e posso afiançar que não mudaram minhas reações nem o meu julgamento neste mundo que sei, presentemente, tão mutável. Com o passar dos anos, a dedicada escritora não perdeu o domínio da forma nem a capacidade criadora. O seu isolamento deve-se, decerto, a uma falta de melhor contacto com as editoras atuais ou mudança nas circunstâncias de tempo, que criam os padrões de julgamento editoriais.

ZICO CARDOSO



O fim do mundo e outros fins

A saudade daquele sertão do Planalto Central cheio de vidas silvestres e mistérios faz parte do universo literário de "O Fim do Mundo e Outros Fins". As devastações, as depredações e a destruição das matas, próprias da nossa época, e o choque de progresso que atingiu em cheio aqueles caboclos desfilam diante de nossos olhos inexoravelmente. É um livro para recordarmos e refletirmos.

Goiás, anos 20. O progresso e as novas invenções vão chegando para ficar e mudar o cotidiano dos caboclos e de toda aquela gente do interior. O telégrafo, as estradas de ferro, os automóveis, a energia elétrica, a construção de Goiânia, nova capital do Estado, e mais recentemente, a criação de Brasília, a capital do Brasil, criaram irremediavelmente um grande choque ainda não assimilado totalmente por uma boa parte dos habitantes daquela época.

Para mostrar o assombro, o espanto e um pouco

de saudade daqueles tempos é que o escritor José Carlos de Oliveira, ou simplesmente "seu" Zico Cardoso, esperou completar 74 anos de vida para escrever a história *O Fim do Mundo e Outros Fins*, que será editada pela Thesaurus e lançada em agosto na Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Goiano de Corumbá de Goiás, Zico viveu muito bem aquela época. Fiscal de rendas do Estado e comerciante, conviveu por muitos anos com tropeiros vindos do Maranhão, de São Paulo e de outros tantos lugares. Presenciou

as brigas entre tropeiros e donos de carros de boi pelo comércio na região. Tudo em vão. Veio a estrada de ferro e suas marias-fumaças e ambos desapareceram. Talvez tenham buscado outros interiores imunes ainda ao progresso.

Histórias e estórias de pescadores, caçadores e desbravadores do sertão. Um tempo de saudade que vale a pena lembrar para refletir sobre esse modelo de progresso em que vivemos. Ah! que saudades daquelas boas caçadas que não vivi e não poderei mais viver neste novo Goiás.



Com sua vocação cultural, Taguatinga inaugurou recentemente o Teatro da Praça, antiga reivindicação dos artistas locais, à frente o grupo Celeiro Celeiro das Antas. Localizado próximo à Praça do Relógio, o teatro tem capacidade para receber 300 pessoas, além de camarins e ventilação adequada.

Taguatinga é oficialmente a primeira cidade-satélite do Distrito Federal. Foi criada no dia 5 de junho de 1958. Daquela época até os nossos dias, a cidade cresceu e consolidou-se como um grande centro populacional, econômico e cultural.

Um dos pontos de orgulho da cidade é justamente esta sua vocação para a cultura. Escritores tais como J. Simões e Dalva Gebrin, grupos de teatro da qualidade da Casa de Teatro Celeiro das Antas e artistas plásticos do quilate de Omar Franco e Anselmo Rodrigues, entre tantos outros de expressão regional e nacional, engrandecem a produção cultural de Taguatinga.

Na efervescência da produção cultural da cidade desponta o Teatro da Praça, próximo à Praça do Relógio, no centro de Taguatinga, como ponto de referência, recentemente inaugurado após vários anos de abandono e esquecimento pelo poder públi-

co. Inicialmente, o teatro era um auditório da Escola Industrial de Taguatinga (EIT), construído nos idos dos anos 60. A falta de espaços culturais na cidade fez com que os diversos grupos organizados do movimento cultural "assumissem" o auditório do EIT, rebatizando-o de Teatro da Praça para poderem expressar a sua arte, tendo à frente o grupo Celeiro das Antas.

O novo Teatro da Praça

ganhou agora melhorias significativas. Com capacidade para cerca de 300 pessoas, ventilação adequada e camarins, o teatro teve seu palco aumentado. Segundo o autor do projeto arquitetônico, Antônio Eustáquio dos Santos, o teatro ganhou ainda uma galeria de arte, a primeira de Taguatinga, um foyer e um espaço para cafeteria. Ainda segundo o autor, o teatro se insere dentro de um projeto maior, envol-



ANTÔNIO CAFU
(PT)

O Arquivo Público do Distrito Federal é a memória viva da cidade. Lá encontramos excepcionais informações, como as dos depoimentos daqueles que vieram de todos os pontos

do Brasil para construir a capital da República. É uma lástima que o Arquivo tenha poucos funcionários para atender ao público, principalmente pesquisadores e escolares que o procuram e, ao contrário do que havia sido anunciado no início do Governo Popular e Democrático, o Arquivo Público não está funcionando aos fins de semana por falta de recursos. Esperamos que esse quadro possa ser revertido o quanto antes.

Além de um palco maior, o teatro dispõe de um novo acesso aos camarins

Arte no teatro

□ **Débora Aquino**

O direito à construção das ações humanas passa necessariamente pela globalização e difusão da cultura. O estreitamento da relação arte/educação é emergente, não se concebendo pensar a escola seccionada da cultura.

Partindo desse pressuposto, Estado e Sociedade devem caminhar juntos em busca de novos paradigmas que transformem a relação cultura e educação.

Uma escola que tem o privilégio de contar com um centro cultural em sua área vive uma situação ímpar, que só vem favorecer a qualidade de ensino ministrada nesta escola.

Enquanto gestores do sistema educacional, não podemos deixar que o barco evolutivo da consciência humana corra à deriva, sem uma política articulada com os interesses sociais e históricos da comunidade.

Grupos teatrais como a Casa de Ensaios Celeiro das

Antas, Sem Fronteiras; Grupos de Dança como Dança em Par, Dança e Tal, entre outros, que têm trabalho reconhecido nacionalmente; na área de plásticas, artistas como Omar Franco, Anselmo Rodrigues, Fernando Capaneda, Jorge Cimas, J. Nasce, Paulo Mendes, que há muito romperam as fronteiras do Distrito Federal, não podem ser valorizados apenas como produtos *made in Taguá*, mas necessitam de um espaço cultural – Teatro da Praça – para receberem, com dignidade, visitantes, alunos, artistas e toda a comunidade do Distrito Federal.

Taguatinga, aos 38 anos, inaugura uma nova era – a partir do projeto arrojado do arquiteto Antônio Eustáquio, que abrange galeria de arte, salas para oficinas, espaço de convivência, biblioteca e teatro; o centro pulsante e inquieto de Taguatinga se transforma em espaço pensante e provocador de mudanças.



vendo outros prédios com o objetivo de se criar ali um centro cultural coberto, de lazer e integração da cidade.

O diretor-executivo da Fundação Cultural do Distrito Federal, Nilson Rodrigues, afirmou que o Teatro da Praça, agora, terá um Conselho Gestor, com representantes dos estudantes, da Delegacia Regional de Ensino, da Administração Regional, Secretaria de Cultura/Fundação Cultural e do movimento

cultural da cidade. O Conselho terá como objetivo definir os rumos do teatro para atender as necessidades da cidade e da comunidade. Entretanto, esclarece Nilson, a Fundação Cultural deverá encarregar-se da administração do espaço físico, pois tem a experiência de gerenciamento teatral, como controle de bilheterias, elaboração de contratos e outros aspectos técnicos de administração.



MANOEL DE ANDRADE
(PMDB)

O Arquivo Público é o espaço de preservação da memória coletiva do Distrito Federal. É o espaço da preservação do nosso patrimônio cultural. Nos arquivos ali existentes

repousam aspectos imprescindíveis para o entendimento de todo o processo de transformação de um grande pedaço do cerrado na capital do Brasil. Para refletirmos sobre o presente e pensarmos o futuro do Distrito Federal temos, necessariamente, como referência o Arquivo Público e sua memória. Algumas horas do Arquivo Público significam a valiosa possibilidade de um contato direto com a nossa história.



O auditório tem capacidade para 300 pessoas



D. Quintina dos versos

Nas feiras do Nordeste eles cantam e encantam multidões. São os cantadores, repentistas que só falam e cantam em versos bem rimados ao som das violas. É uma profissão quase que exclusivamente de homens. Mas em Paracatu (MG), uma velhinha, preta, de noventa e um anos, D. Quintina, é boa de versos. Sem saber ler e escrever, se inspira nas coisas simples e só conversa versejando.

Um dia, conversando com a Ernestina, ela me falou com muito entusiasmo de Dona Quintina. Logo fiquei interessado, pois, pela descrição que ela me fizera, para mim era algo inesperado. Mesmo tendo meu pai, também nonagenário, em plena atividade e independente em suas ações diárias, olhe, minha gente, fiquei embasbacado quando conheci essa doce velhinha, tão jovem e espirituosa, transmitindo alegria de viver e nos envolvendo com sua veia poética. Estava diante de uma pessoa que sabia usar as mãos com mestria.

Dona Quintina fez-me pensar na importância das mãos. Dessa parte do corpo que promove o homem, elevando-o ao plano superior. Antes de saber falar e de saber pensar, certamente aprendeu

□ Oliveira Mello

a fazer. O *homo faber* é anterior a todos os estádios da evolução cultural.

Também senti a importância do trabalho da Ernestina, preocupada em valorizar o ser humano pelo que ele produz, fazendo-o se sentir útil e, ao mesmo tempo, mostrando a importância do artesão na cultu-

ra. E ela tem encontrado muita gente hábil, como Dona Quintina, Manoel, Anísio Tarcísio, Eleusa e tantos outros. Pessoas cujas mãos externam, através de sua obra, a beleza que lhes vai n'alma.

Ao chegarmos à casa de Dona Quintina Alves Santana, fomos recebidos



MIQUÉIAS PAZ
(PC do B)

Somente podemos oferecer à sociedade, hoje, o que nos proporciona o passado que praticamos. E é através

desta memória que poderemos sempre compreender, da maneira mais ampla possível, a atualidade.

Brasília, com 36 anos, ainda constrói a sua história e a memória cultural está sendo criada agora. Resgatá-la, portanto, é praticá-la. Nós somos a memória cultural da cidade. Seremos lembrados no futuro pelo que fizemos hoje.

ter evangélico.

Neste ambiente simples e acolhedor, dentro de sua rusticidade, surge a figura de Dona Quintina, combalida pelos passos cansados, mas vitalizada pelo seu espírito de mulher forte. Uma velha de espírito novo, cujos 91 anos não lhe tolgem a verve. Depois dos cumprimentos, curiosamente lhe perguntei se era crente. A resposta me surpreende mais ainda:

*Sou de todas as religiões,
Num maltrato nenhuma.
Ganhei a Bíblia,
Mas num posso lê.
Sou muito preta
E num desfaço das letra.*

Estávamos diante de um espírito de fé ecumênica. De uma pessoa, pelo jeito, analfabeta de escola, mas repleta de ciência da vida.

- Dona Quintina, a senhora não pode ler é por causa da idade?

*Eu num sei lê,
Mas sei pingá o i
E cortá o tê.
Sei mais ainda:
Sei trabaia
Pra podê vivê.*

A sabedoria de Dona Quintina foi crescendo diante de nós. Aquele corpo maltratado pelos anos, na negritude de sua pele, coberta por um vestido azul, estampado de bolinha branca, em modelo sim-

ples, nos contou que nasceu no Córrego do Meio, fazenda do Porrete, em 31 de outubro de 1904. A fazenda era propriedade de Quintiliano Ferreira de Souza, pai de sua mãe Balbina, que foi casada com Joaquim Alves Santana. E com sua mãe aprendeu vários ofícios artesanais: poteira, urdideira, trançadeira de chapéu de palha de coco ou de palha de milho e confeccionadora de pequenos cestos de capim. Na sua idade prolecta continua trançando os cestos de capim e justifica, ao mostrar o seu trabalho:

*Tô sentino de eu num sabê
Nada, nada disso aí.
Fico, aí, emprestada aí.
Eu num posso ficá dormino
Eu quero acordada ficá,
Eu quero é trabaia.*

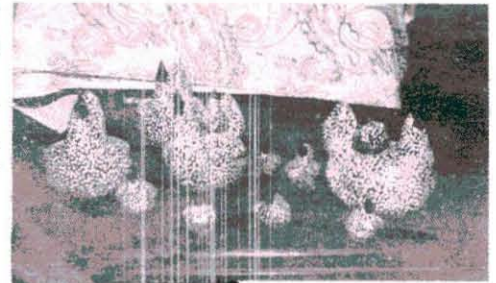
Dona Quintina nos conta ainda que foi casada com Miguel das Neves Martins, com quem teve 9 filhos, sendo 2 mortos. Mudou-se para a cida-

Quis, assim, Dona Quintina nos afirmar de que muito depende da filha Caçulinha, em cuja companhia mora e a quem é submissa, como resignadamente confirma:

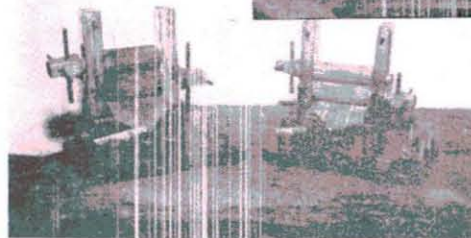
*Minha filha Caçulinha
Quem me chama atenção,
Quem raia comigo.
E eu atendo todo mundo.*

Dona Quintina é uma pessoa realista, autêntica e madura. A caduquice não a atingiu. Muito espirituosa, humilde, sempre, em tudo, vê a bondade de Deus, até na sua permanência no mundo:

*Tô aqui porque cheguei.
Num trouxe dinheiro porque gastei.
O Filho de Deus toma conta
Dessa pobre boba que tá*



Paracatu tem um artesanato rico e diversificado



por duas crianças, bem curiosas.

Ernestina e eu já estávamos na sala, sentados, esperando a presença de Dona Quintina. Na parede uma quantidade de retratos com fotos coloridas do casal, de muitos dos filhos. Ainda um quadro com ilustração religiosa de cará-



BENÍCIO TAVARES
(PMDB)

O cinturão de cidades que cerca Brasília sempre mereceu, nos discursos e debates, a desconfortável posição de vilão. São

aglomerados que surgem como uma ameaça às linhas cartesianas idealizadas na prancheta de gênios, que se constituíram no único patrimônio mundial erguido neste século. A história do barroco goiano, da ocupação do Centro-Oeste, das rotas de exploração do ouro, retratadas em algumas dessas cidades, estão à mercê de um adensamento motivado pela capital da República. Corre-se o risco de se perder tais referências.

de já com muita idade e, com seu sorriso infantil, argumenta:

*A pulga morde,
O coro coça.
Eu quero a cidade,
Mas num dispenso a roça,
pois só depois que cabá araticum
Sai mais um.*

Ao ser elogiada a sua capacidade de comunicar, humildemente responde:

*Maltratá meus irmãos,
Eu num quero sabê.
O povo fala que tô errada,
Eu num sei o que faço,
Bagaço num vira cana
E cana num vira bagaço.
Meus irmãos, me desculpe,
Eu num tenho cavalo,
Mas ando na garupa.*

No mundo por amor de Deus.

Depois de tudo isso, demonstrou sua total aceitação à vontade de Deus:

*Eis-me aqui, meu Pai,
A empregada do Sinhô.
Faça de mim instrumento,
Conforme a Vossa vontade.*

Aí está o retrato de Dona Quintina, a quem homenageamos e, na sua pessoa, a todos os artesãos paracatuenses. O seu retrato, como todos puderam ver, foi feito por ela mesma, a artesã quase centenária que vem costurando a cultura regional e construindo a nossa história, em tão feliz momento descoberta por Ernestina.

*Na subida do morro
me contaram...
Malandro que é
malandro não
bobeia...
Sou rabo de arraia,
chave de rim, bofetão.
Esses fraseados já
não se ouvem e nem
a Lapa de um Rio
antigo existe mais.
Mas os sambas e seus
personagens,
malandros com ética
e código de honra,
marcaram uma
época do País.
A malandragem de
hoje é violenta e, se
comparada aos
antigos, aqueles
parecem românticos,
mas verdadeiros
malandros.*



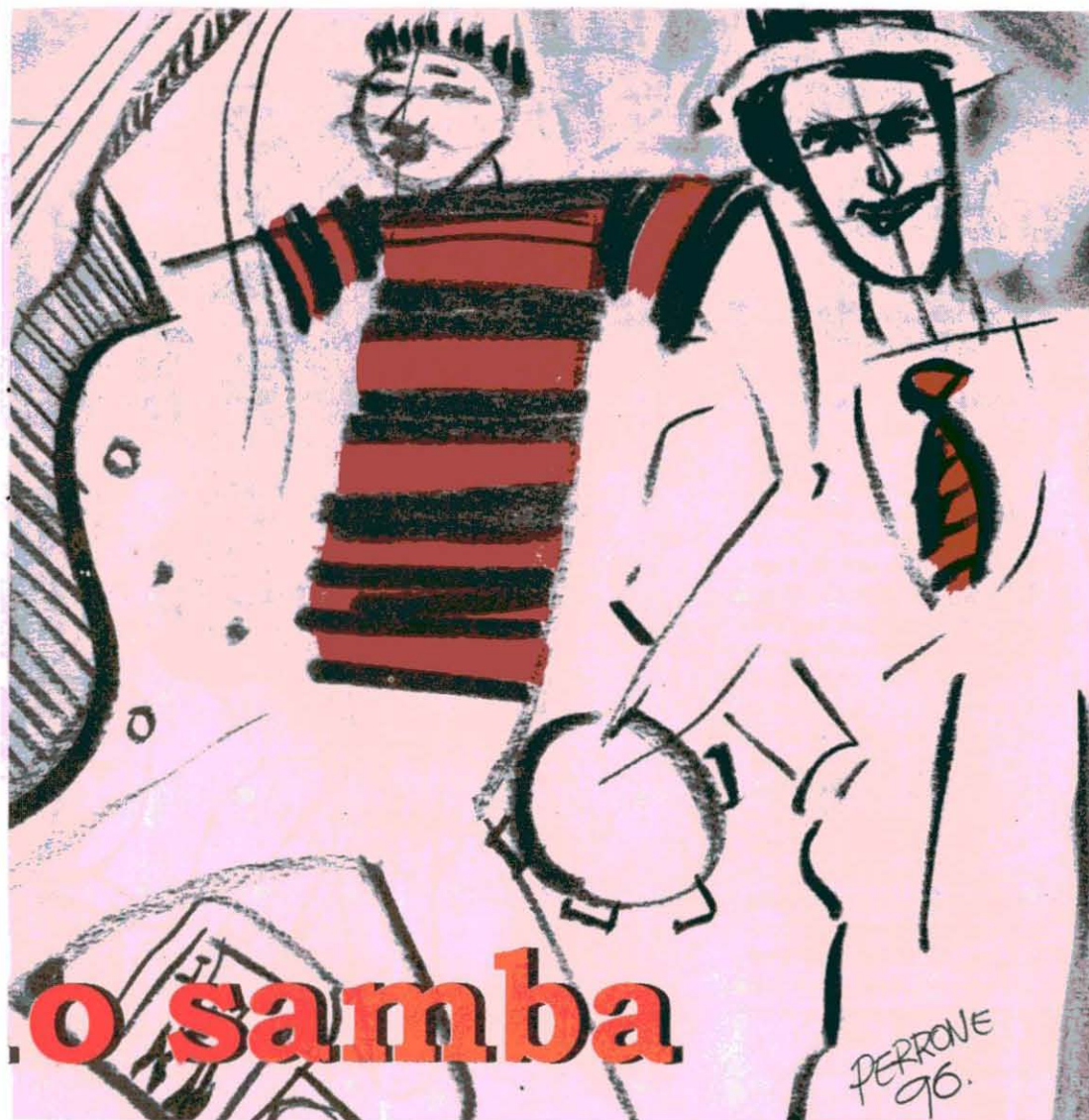
Na batida d

□ Renato Vivacqua

Até a década de 50 era quase impossível se fazer uma dicotomia entre a malandragem e o samba. Sambista era sinônimo de vagabundo, ou como diziam os de antanho: capadócio. O violão era um passaporte para a cadeia. Mas o pessoal resistiu e hoje o samba está aí como cartão de visitas do carnaval brasileiro. Um dos redutos da malandragem carioca era o bairro da Lapa. Seu fastígio foi entre 1929 e 1938. Com o crescimento meteórico de Copacabana a partir de 1940, começou a estiolar e por volta de 1967 nada mais restava do antigo

feirismo. Malandros famosos viveram ali. O mitológico Madame Satã, homossexual destemido, redescoberto pela turma do Pasquim e que enfrentava e punha em debanda os choques policiais; Miguelzinho, campeão sul-americano de capoeira; Edgar do Estácio; Joãozinho da Lapa, filho de um general; Nelson Naval; Sete Coroas; Meia-Noite, imortalizado em samba, cuja fama Madame Satã joga por terra, revelando que era bicha e que Tinguá, seu fanchone, esse sim, era da pesada. Cabarés badalados como Tabu, Brasil Dourado, Primor, Rex, Apolo,

Casanova, Pigalle, Novo México, onde mulheres bonitas distribuíam encantos e desencantos: Cecy, a musa de Noel, Aída, Lili das Jóias, Chouchou, Laura, Boneca, que inspirou Assis Valente: "Poderia ser bonequinha de louça/ tão moça/ Mas não é..." Os bares que os menos abonados frequentavam: Siri, Café Bahia, Gruta do Frade, Viena-Budapeste, Olímpia, A Pastora. A Lapa, como diz João Antônio, era a Montmartre dos pobres. Intelectuais eram assíduos: Di Cavalcanti, Villa-Lobos, Mário de Andrade, quando vinha ao Rio, Brito Broca, Jorge Amado, Ribeiro



Couto, Jaime Ovale, Marques Rebello, Sergio Buarque, Luiz Martins. Era muito democrática a Lapa. O pessoal da Música Popular também andava por lá: Chico Alves foi chofer de táxi e conhecia seus subterrâneos. Mário Lago, Noel Rosa, Wilson Batista, Kid Pepe, Geraldo Pereira (que teria ficado mortalmente ferido numa briga com Madame Satã), Germano Augusto, Moreira da Silva, um falso malandro, programado pela sua inteligência, veste-se como tal, fala como tal, ginga como tal, tem trânsito livre entre verdadeiros, mas na realidade é monógamo, dorme cedo e só bebe leite: "eu continuo a ser Kid Moringueira/ Sou rabo de arraia/ Chave de rim, bofetão."

O malandro da época áurea da Lapa não tinha a conotação predatória de hoje. Não era um bandido, capaz de matar, assaltar, seqüestrar e estuprar. Vivia do jogo – caipira, baralho, chapinha de cerveja – do proxenetismo e alguns, à moda dos gangsters americanos, dando proteção aos comerciantes. O malandro hoje é vagabundo, traficante e assassino. Os antigos tinham uma imagem mais romântica, andavam sempre limpos, camisa de seda palha, anéis, chapéu do Chile, gravata tussot branca, sapato com salto mexicano. Indispensáveis ainda o lenço de seda no pescoço, a navalha. Havia disputas mas essas brigas eram muito mais para aparecer, ganhar "cartaz". E eram leais. Um bailado felino que

acabava com ferimento ou despartado pela polícia. Havia os enganadores, é claro. Lembro-me da música em que meu colega de ginásio, Joel, filho do compositor Leonel Azevedo, descrevia o malandro que só tinha "pose":

*Eu invoco
É com esses malandros de
esquina
Não são de nada
São de beber calibrina
Uma telha na cabeça
Uma sola enferrujada
Ficam de bobeação
Mas eles não são de nada
Calça funil, sapato
carrapeta
De corte quadrado
Pensando que é muita letra
Não cantam samba
Nem entram no pagode*

*Ficam de bobeação
Mas eu nem sei como é
que pode.*

Tradução: calibrina é cachaça, telha é chapéu, sola é navalha, carrapeta era um salto bem alto, corte quadrado era do pé do cabelo, muito em moda, letra quer dizer vantagem. Como já comentamos no início do artigo, o samba e a malandragem sempre andaram de namoro. Dezenas de sambas louvam a malandragem, mostrando o fascínio que o tema despertava nos compositores. Era morrer um malandro e lá vinha samba-homenagem. Poucos sambistas puderam ser classificados de malandros legítimos e entre eles estão duas figuras pouco destacadas pelos estudiosos da MPB. Justamente por isso resolvi cavoucar-lhes um pouco a vida. Baiaco e Brancura. Segundo Ary Vasconcelos eram amigos inseparáveis, sempre andavam juntos e eram cúmplices nas apropriações indébitas. Mario Lago conta: "Eram amigos de Benedito Lacerda. Faziam ponto no Café São José, perto da Praça Tiradentes. Havia neste bar duas salas separadas por um tabique de treliça. Baiaco e Brancura saíam por aí ouvindo samba de crioulo e, quando descobriam um bom, chamavam o cara para ir mostrar lá no Café. Crioulo cantando de um lado do tabique e do outro, parede com parede, o Benedito Lacerda transcrevendo a melodia. Quando acabava batia três vezes na mesa. Era o sinal. Brancura e Baiaco viravam para o cara e começavam a insultá-lo: "Sai daqui, negro safado, esse samba é meu, até escrevi com o compadre Benedito." "Mas como, seu Baiaco, é meu". Baiaco era mais folgado. Benedito aparecia. "Compadre, como é mesmo a melodia daquele samba que escrevi um dia desses com você?" Benedito metia o samba todo. "Tá vendo, moleque safado! Vai embora antes que eu me aborreça." E ficavam com o samba. Pelo menos uma vez deu confusão. Francisco Alves



MARCO LIMA
(PSDB)

O Arquivo Público do Distrito Federal está de parabéns por ter criado o programa "Minuto da Memória Cultural da Cidade", transmitido pela Rádio Cultura. A cada semana um assunto novo é abordado. Com muita criatividade, a jornalista responsável pelo programa resgata a história de nossa cidade, divulga as atividades do Arquivo Público e leciona uma verdadeira aula de cidadania para os ouvintes da Cultura FM. É um programa que eu gosto de ouvir por merecer a nossa admiração, o apoio da Câmara Legislativa e do governo do Distrito Federal.



CÉSAR LACERDA
(PTB)

O Conselho Regional de Cultura do Gama foi criado durante o período em que fui Administrador Regional daquela satélite. Na época, o seu movimento cultural, além de produzir intensamente, era bastante aguerrido, prova de que os artistas conseguiram participar pela primeira vez da FAGAMA. Os talentosos fazedores de arte tinham a idéia fixa da construção da Casa da Cultura; para isso, foi reservado o terreno, elaborado o anteprojeto e sua maquete. Porém, o governo mudou e a cultura gamense ficou muda. Há mais de um ano os artistas elegeram um novo Conselho Regional, que ainda não mostrou serviço, já que não consegue idealizar nada. A Casa da Cultura continua sendo apenas um sonho.

gravou uma música supostamente da dupla e certo dia foi peitado por um crioulo, Ferro, de dois metros de altura, que se dizia o verdadeiro autor do samba. Chico, vendo que a barra era pesada, mandou chamar Brancura, fizeram um acordo e o negão levou dinheiro. Esse samba, segundo ainda Mário Lago, era o "Deixa Essa Mulher Chorar". Ambos estavam entre os fundadores da "Deixa Falar", primeira Escola de Samba, nascida no Estácio em 1928. Brancura era batuqueiro e fazia parte da comissão de frente e Baiaco tocava omelê. Para Ismael Silva eram tão bons como os outros componentes mas não tiveram sorte.

Baiaco se chamava Oswaldo Caetano Vasques, também chamado por alguns de Mulatinho. Morreu em 1935 com apenas 22 anos. As versões sobre a causa do falecimento são desconhecidas. Uns falam em úlcera estomacal. Conta-se que certa vez abespinhou-se com um pai de santo respeitado, dando-lhe um bofetão. Este, apesar de forte, não reagiu, mas profetizou: "Olhe Baiaco, você me deu um tapa e eu não gostei. Não vou te dar o troco. Mas olhe bem o que te digo, você vai se desmilingüir que nem sabão nas mãos de lavadeira. Pode ficar certo que vai." Poucos dias depois Baiaco foi preso e levado para a Ilha Grande. Corria nessa época a versão de que a polícia prendia os bandidos mais indesejáveis e tinha o costume de colocar potassa na comida deles e depois soltá-los. Livre, Baiaco não sobreviveu muito, vivia sangrando, foi emagrecendo, definhando, desmilingüindo-se como previra o babalaô afrontado. Apropriador, vendedor e revendedor de sambas, comprou a primeira parte de "Amor que não Morreu" de Raul Marques



e contratou Cartola para compor a segunda:
*Amar que não morreu
E como custou pra revelar
A verdade
Nasceu nos braços meus
Surgiu a nossa amizade
Mudou, depois sumiu
A nossa felicidade*
...

Cartola relata que, como vivia duro, era sempre procurado por Baiaco para parcerias ou terminar sambas. Bide acrescenta que era realmente o único do grupo que não compunha. Teve composições lançadas por Aracy Cortes: "Conversa Puxa Conversa", depois gravada por Almirante em 1934, "Vejo Lágrimas", que apareceu no carnaval de 1933, juntamente com "Tenho uma

Nega", em parceria com Benedito Lacerda (provavelmente surrupiados de alguns crioulos ingênuos). Seu grande sucesso no entanto foi um samba feito com Aurélio Gomes, outro fundador da "Deixa Falar", intitulado "Arrasta a Sandália", em 1933, e que consagrou. Moreira da Silva.

Teve repercussão tão grande que o povo batizou com seu nome um ônibus da época, com traseira longa, que parecia se arrastar.

Recordemos sua letra:
*Arrasta a sandália aí, morena
Arrasta a sandália aí, morena
Vou te dar uma sandália bonita
De veludo, enfeitada de fita*
...



Moreira da Silva, ainda que incoerente, faz alguns acréscimos à sua biografia. Em 1976: "Era um malandro fino. Além de malandro excelente batuqueiro. 'Arrasta a Sandália' foi feita por ele. Tinha conversa de causar inveja a advogado. As mulheres com seu papo entregavam-lhe todo o dinheirinho. No auge chegou a ter dez." Em 1981 o depoimento é menos edificante: "Era ajudante de caminhão. Costumava dizer: 'Você tem um samba meu aí, se não me der eu te mato.' Fino, hem! Ismael Silva o acusava de apropriar-se de sambas alheios e que 'Arrasta a Sandália' não é de nenhum dos dois e sim de um bêbado que cantou para eles num bar do Mangue". Russo do Pandeiro reitera: " 'Arrasta a Sandália' ele tomou de outro compositor, não é dele não." Não há dúvida que o Baiaco não era bom

de bola. O traço mais marcante de sua personalidade era a perversidade. O homem era o cão. Isso é confirmado por vários contemporâneos da maior credibilidade. Segundo Nássara era um sujeito perigoso, com folha policial bem fornida, de má índole, capaz de incendiar mendigos adormecidos nas madrugadas, depois de amarrar-lhes pedaços de jornal no corpo e pés. Geraldo Pereira acrescenta: "Dava navalhadas em cachorros e gatos. No carnaval, depois que embebedava, esperava os bondes passarem para navalhar a traseira dos passageiros." Noel Rosa era muito amigo da dupla e corre a lenda, desmentida por Almirante, de que aprendera capoeira com Brancura. Rubens Soares, autor de "É bom parar" (Por que bebes tanto assim rapaz...) que alguns historiadores da MPB dizem ter participação de Noel, o que ele nega com veemência; argumenta que nem convivia com Noel, justificando esse afastamento pelas más companhias do Poeta da Vila. Rubens diz que ele, por ser franzino, admirava as façanhas de Baiaco, mesmo as mais torpes. Milton de Oliveira o conhecia bem: "Baiaco era uma coisa tremenda. Eu conheci ele pessoalmente, não podia ver um miserável qualquer dormindo que jogava um paralelepípedo em cima". Russo do Pandeiro conviveu com ele e relatou ao autor: "Baiaco trabalhou no conjunto que a gente tinha. Ele não era bem malandro, pois não era de briga. Tanto que na primeira vez que foi brigar levou um tiro na rótula. Quem deu foi o Mano Otávio, negócio de jogo de baralho. O Baiaco era bárbaro, ele era covarde. Ele era engraçado; quer ver o que ele fez diversas vezes? Ele, por exemplo, trabalhava com a gente, nós íamos tocar, quando na volta vinha todo mundo e tal, cadê o Baiaco? Baiaco estava sempre atrás puxando a perna, da tal bala. Antigamente tinha aqueles mendigos que apanhavam

papel; ele pegava um paralelepípedo e jogava no peito. Ele era mau, coração bárbaro. Outra coisa: via um gatinho, acariciava e depois passava a navalha no rabo ou então espetava naquelas grades residenciais. Mas também morreu com todas as doenças que você pode imaginar".

Silvio Fernandes, o Brancura, não possui dados pessoais tão "dignificantes" como os do companheiro. Segundo Madame Satã "era um moreno pintoso, que só gostava de branca, daí o apelido. Não era brigão, seu negócio era cafetizar escrava branca". Moreira da Silva assina embaixo: "Tinha sempre uma mina pra lhe sustentar. Só se metia em encrenca quando alguém folgava com ela. Fora disso era limpeza." Volta e meia estava na cadeia e de lá muitas vezes foi retirado por interferência de Mário Reis, que tinha muita ligação com os ministros de Getúlio Vargas. Walter Januário, outro fundador da "Deixa Falar", recorda que certa vez sambavam na casa de Brancura quando a polícia chegou e prendeu sete, entre eles o anfitrião, os outros conseguindo fugir. Uns foram confinados no navio "Campos" e Taboca; Antenor e Brancura mandados para a Ilha Grande. Só Brancura voltou vivo. Deixou, como seu companheiro, obra pouco expressiva. Chico Alves gravou em 1929 suas primeiras composições: "Coração Volúvel" e "Mulher Venenosa". E foi seu parceiro em "Samba de Verdade" (aí fica difícil de saber quem comprou de quem). Seu protetor, Mário Reis, levou ao disco "Sinto Muito" em 1932. Em 1935, último samba gravado, ainda por Francisco Alves: "Você Chorou":

*Me admira é você
Chorar porque
Alguém lhe deixou
Quem é da orgia
Não teme quando perde um
falso amor
E você chorou*

...

Como Baiaco, teve também um sucesso consagrado:

"Deixa Essa Mulher Chorar", lançada na revista do mesmo nome por Aracy Cortes em 1931. Gravada para o carnaval do mesmo ano pela dupla Francisco Alves-Mário Reis, repercutiu muito. Ary Barroso considerava-a um dos dez maiores sambas de todos os tempos:

*Deixa essa mulher chorar (bis)
Pra pagar o que me fez (bis)
Zombou de quem soube amar*

Por querer

*Hoje toca a sua vez de sofrer
Deixa essa mulher chorar*

...

Brancura era frequentador assíduo das reuniões de batucada ou pernada no Morro da Mangueira. A roda de batucada se formava da seguinte maneira: a turma em círculo cantava o refrão de desafio batendo palmas. Um dos batuqueiros ia para o centro da roda e convidava um dos circunstantes para a disputa. O convidado, se aceitasse, ficava parado com as pernas juntas e o outro tentava derrubá-lo com uma pernada, nunca pelas costas. Se conseguisse dar o tombo convidava outro para o confronto, se não ia para o lugar do que se mantivera de pé. O compositor Fernando Pimenta recorda Brancura nos batuques mangueirenses, que não parecia ser dos mais exímios: "E o Brancura? O Silvio Fernandes. Era um crioulo enorme, boa-pinta, se fosse vivo hoje ia ser galã de cinema... Na época ele só vestia S-120. Chegava aqui todo de branco, com anéis de brilhante. Ele caía muito, se sujava na lama. O negrão levantava, ia em casa, tomava banho, botava outro terno branco e voltava para brincar de batucada outra vez."

Um comentário de Menininha, esposa de Carlos Cachça, confirma o charme do malandro: "Também que vantagem! As negas davam um terno por semana a ele!".

Foram solidários até a morte. Brancura morreu no mesmo ano que Baiaco. Louco.



ADÃO XAVIER
(Sem Partido)

Muito se tem falado sobre uma cultura genuinamente brasileira. Debates e conversas informais nas rodas de políticos se travam sobre a cultura brasileira e como ela pode ser desenvolvida e cultivada. O resgate da nossa cultura começa pela preservação das nossas raízes, e elas estão no Arquivo Público e nos nossos museus. É nestes locais que encontramos sabedoria suficiente para iniciarmos um processo cultural em Brasília. Aqui firmamos nossos pés e estamos construindo o amanhã de nossos filhos e netos.

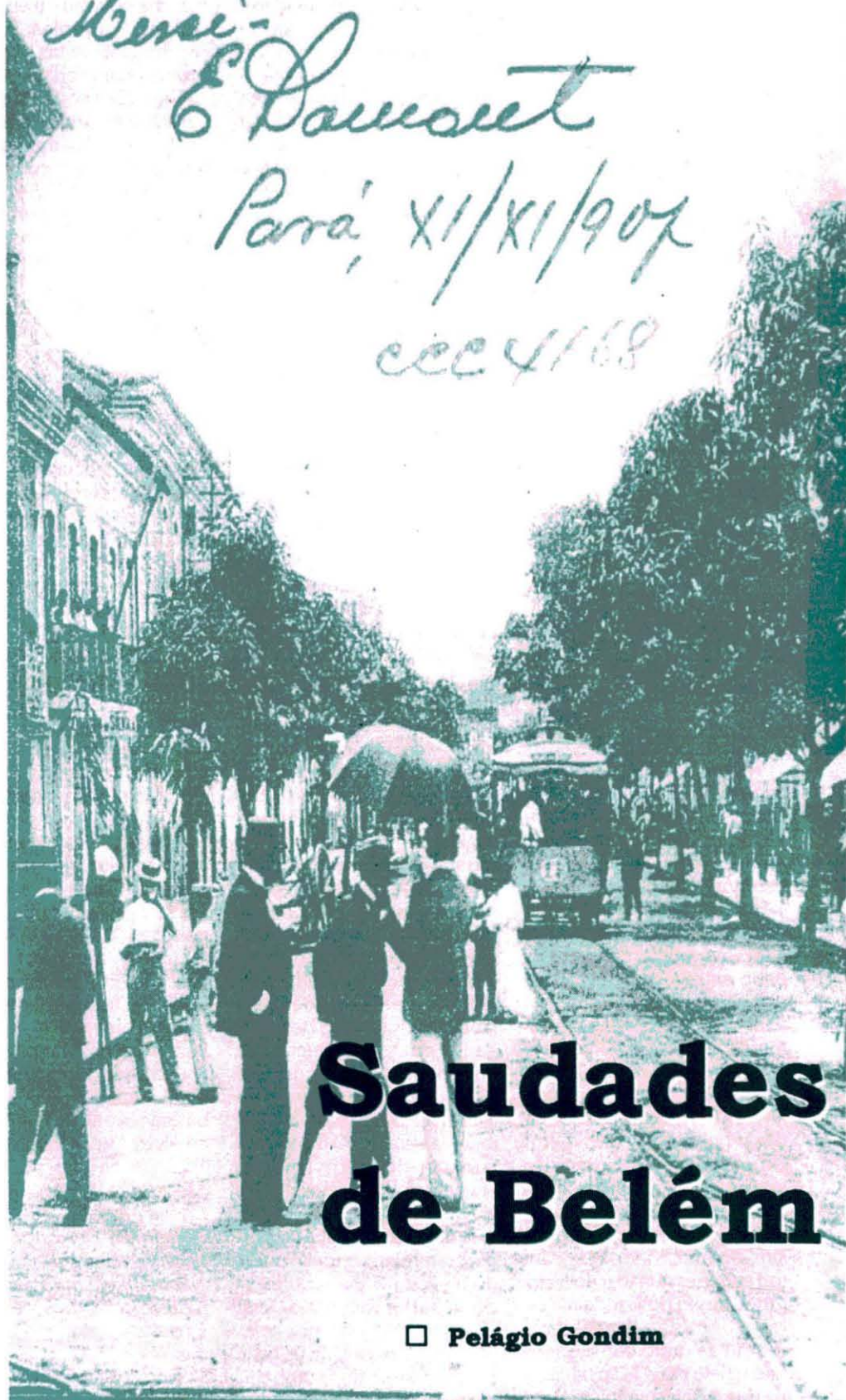


WASNY DE ROURE
(PT)

O Brasil está, aos poucos, deixando de ser o País do futuro. Os governantes, a cada reforma administrativa, deixaram perder documentos fundamentais de nossa história. Brasília tem apenas 36 anos e a preocupação de preservar sua história já é uma constante em vários segmentos de nossa sociedade. Neste contexto, o Arquivo Público é peça chave. O trabalho que vem sendo desenvolvido, arduamente, por aqueles que sabem que, sem um conhecimento profundo do passado e uma análise criteriosa dos passos da história de cada povo, não se constrói o futuro, deve ser louvado.

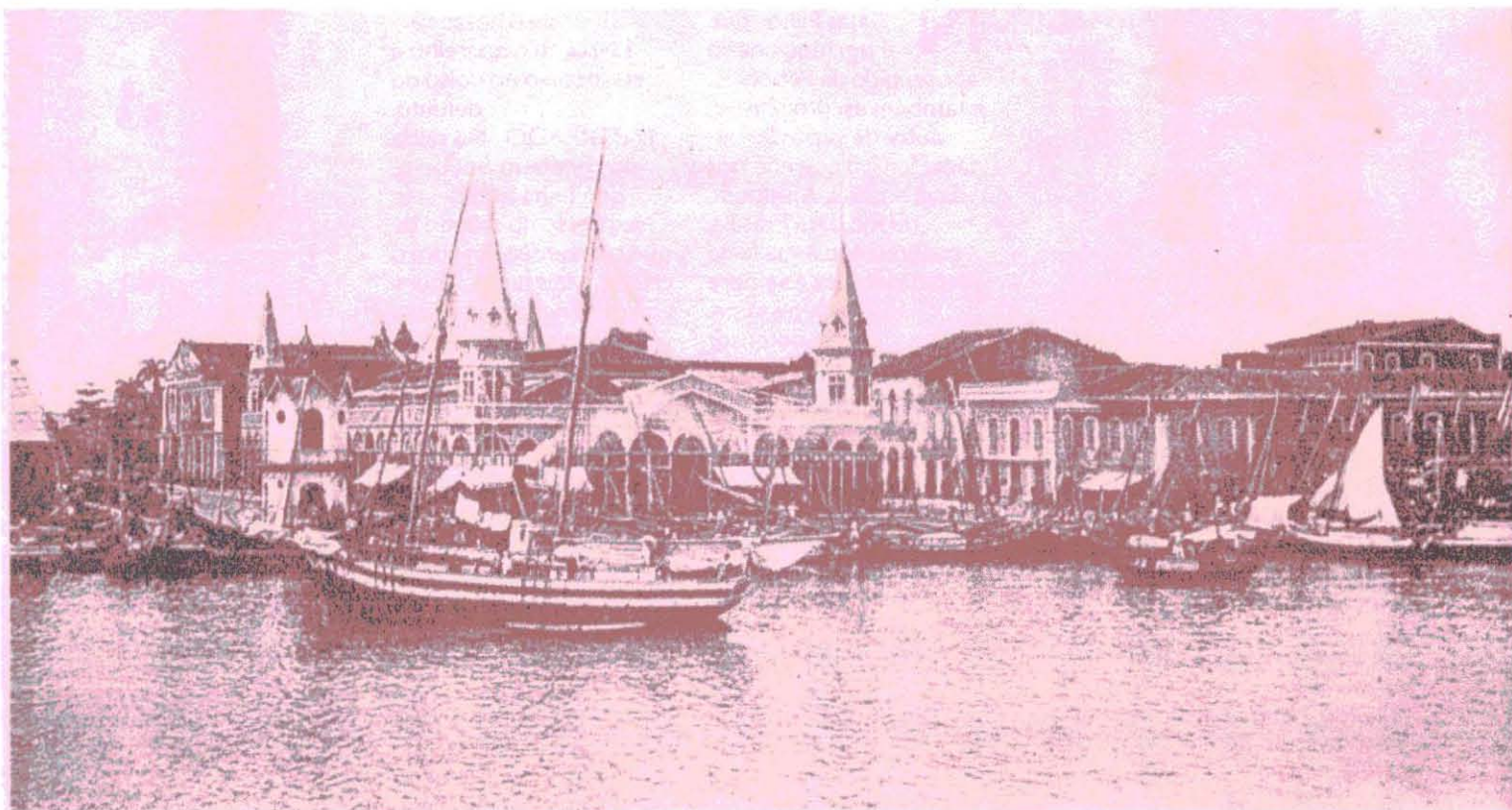
RUA CONS. JOAO ALFREDO. - PARÁ-BRAZIL.

Muni-
E. Dourant
Pará, 11/11/90
ccc 4/68



Saudades de Belém

□ Pelágio Gondim



Início do século. Não é Paris nem Londres. É Belém. É Belém, beirinha do Guarujá, no Pará, velha Amazônia. Tempo em que o dinheiro era a borracha e a castanha. Lá fora valiam mais que ouro. Cá dentro, quem as possuía acendia charuto com notas graúdas, tinha amantes polacas, italianas, espanholas.

As roupas, de tecidos nobres, eram lavadas com perfume francês - não no Brasil, na França. O francês, aliás, era o idioma da moda.

Moravam em casarões e palácios. As ruas, arborizadas com mangueiras e palmeiras imperiais, eram cobertas de paralelepípedos e pedras de lioz trazidas de Portugal, por onde passavam carruagens e bondes. Gostavam de ir à ópera no Theatro da Paz e degustar licores finos no *terrace* do Grand Hotel.

Enfim, quem morava em Belém respirava o ar da prosperidade européia e exalava a convicção de estar no primeiro mundo, mesmo

com um pé na aldeia.

Mas isso foi no início do século. Levaram a borracha para a Malásia, acabaram com os castanhais, o dinheiro foi embora e, com ele, o *glamour* europeu. Ficaram os casarões, os palácios, as igrejas, as praças. Não por muito tempo. A decadência financeira aliou-se ao descaso, à cobiça e à prepotência voraz da especulação imobiliária.

Juntos destruíram a história, massacraram a cultura e dilapidaram um dos mais valiosos patrimônios arquitetônicos do país. Deixaram uns caixotes de cimento desengonçados, testemunhas da transformação de Belém numa

macunaíma urbana - uma cidade sem nenhum caráter arquitetônico.

Daquela Belém, pouco sobrou - e o que sobrou está indo para o mesmo buraco. Mas quem quiser ver o que o país perdeu e está perdendo, resta um consolo que vem moendo sem piedade a alma dos paraenses: o livro *Belém da Saudade*, que acaba de ser lançado pela Secretaria da Cultura do Pará.

São imagens da *belle époque* da capital paraense, resgatadas em 400 cartões postais que rodaram o mundo e consumiram 12 anos de pesquisa até se transformarem, pelas mãos dos arquitetos paraenses Paulo

“Quando a imagem emerge das águas de revelador e a luz se fixa em sombra para sempre, há um instante único que se desprende do tempo e se converte em sempre”.

Eduardo Galeano

O livro mostra Belém através de cartões postais

Chaves e Jaime Bibas, no mais completo e valioso documento já produzido sobre a arquitetura de Belém.

Quem conhece Belém hoje, é incapaz de reconhecê-la no livro. É por isso que, a cada imagem, a saudade troca de lugar com a angústia, a tristeza, o lamento, a depressão, o vazio no peito. Uma maníoba de sentimentos de quem perdeu a própria identidade.

O livro, contudo, mexe com os brios e provoca aquela vontade de reagir para tentar salvar os fragmentos que restaram. São, certamente, os últimos elos que os paraenses têm com a velha e bela Belém, hoje estupidamente transformada na “cidade do já teve”. Se a vontade de reagir passar, resta preservar o livro. O difícil será dormir com o incômodo vazio no peito, tão grande e doloroso quanto a saudade.



PENIEL PACHECO
(PSDB)

Foi lançada, no mês de maio, em Brasília, a revista *Novidade de Vida*, voltada ao público evangélico do Distrito Federal. Esta é a primeira revista de variedades editada para esse público e traz, além de temas religiosos, entrevistas e matérias sobre comportamento (estilo *gospel de vida*), esportes, saúde, mercado de trabalho, informática, entre outros. A revista é mensal, sua tiragem é de 5 mil exemplares. A editora Royal Court é a responsável pela *Novidade de Vida*.



LUIZ ESTEVÃO
(PMDB)

A efetiva preservação cultural e histórica de Brasília é uma prioridade do Deputado Luiz Estevão. Ele apresentou projeto de emenda à Lei Orgânica determinando que "zelar pelo conjunto urbanístico de Brasília" passa a ser um dos objetivos prioritários do DF. Em outro projeto, Estevão define regras para a preservação dos bens de valor histórico, artístico e cultural da cidade. "Os critérios - que não estão claros na Lei Orgânica - passam a ser os mesmos adotados pela UNESCO em 1987, quando Brasília foi tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade", explica Luiz Estevão.

Nosso amigo Roldão Simas Filho - que é um funcionário aposentado da Petrobrás, e também escritor ilustre, autor de vários livros - fazia tempo que não nos dava notícias. Mudou-se do Rio para Brasília, continuando a sua faina literária intensa e sempre interessante.

Ele é defensor intransigente da pureza do nosso idioma - tema que considera questão de soberania nacional. Insurge-se contra a invasão indiscriminada do idioma inglês na vida cotidiana brasileira. Fenômeno que é hoje uma fatalidade, sobretudo agora com a explosão da informática, dos computadores e sua linguagem arrevesada de gringo.

O que queremos trazer hoje aos nossos possíveis leitores é um outro assunto: o primeiro conto fantástico de um celular, um pequeno conto do escritor Juan José Millás, publicado pelo jornal *El País* (2 de outubro de 1995), que Roldão Simas Filho traduziu e nos enviou uma cópia.

O conto é de arrepiar. Quem for impressionável a leituras deste gênero - não o leia no resumo que fizemos. Pode não dormir hoje...

Diz o contista que estavam enterrando um amigo quando um telefone celular interrompeu a solene cerimônia. Com o ataúde ainda aberto para o último adeus ao morto - a viúva retirou o celular do bolso do marido e atendeu: "Alô"! Não se sabe o que ela ouviu na outra ponta da linha. Presume-se algo... Pois a viúva declarou para que todos a ouvissem: "Fulano faleceu ontem e você é

uma aproveitadora que destruiu o nosso lar". Desligou o aparelho e recolocou-o no bolso do defunto.

ENTERRADO - Na saída do cemitério, soube-se que tinha sido desejo expresso do marido de que o enterrassem com o celular. Mais tarde, alguns amigos dirigiram-se à casa da viúva para consolá-la. Estavam todos tomando café, quando tocou o telefone da casa. Todos ficaram atarrados de pavor. Depois de dez ou doze toques o aparelho emudeceu. A viúva dissera aos presentes: "Não estou para pêsames!"

Diz o autor do conto que, naquela noite, pela madrugada, veio a idéia de telefonar para o número do celular do morto. Atenderam ao primeiro toque! De repente - afirma o contista - o desligou logo. Só queria comprovar que o inferno existe!

Eis aí o primeiro conto fantástico da era do telefone celular. Pelo menos de que temos conhecimento. Mas, sem dúvida a mente fértil dos contistas já trabalha para nos brindar com outros relatos igualmente incríveis e fantásticos.

A telefonia celular chegou a Natal no ano de 1995. Hoje, quase todo mundo tem o novo aparelho. Muitos por necessidade real de fechar negócios. Outros, por diletantismo. É mais um modismo que se incorpora à paraférrnia do chamado homem moderno.

Quanto às surpresas do telefone - é bom não esquecer o que Nelson Rodrigues exclamara certa vez: "O telefone é uma janela aberta para o infinito".

☐ **Veríssimo de**

Ah! sabiás danadas

□ Laudo Braga

Alguns pássaros são gregários. Muitos vivem solitários ou aos casais. Outros são arribadiços. Vivem permanentemente de arribada. Há os que vivem por ali enquanto encontram comida, e se vão quando lhes falta alimentação. Insetívoros ou frugívoros, esses se firmam onde há insetos ou frutas.

Temos pássaros que habitam territórios delimitados.

Não permitem a aproximação de outros em seus sítios invioláveis. Por exemplo: os pardais. É sabido que, no Rio, onde há milhares e milhares deles, só permitem a convivência pacífica com as rolinhas caldo-de-feijão. Já que essas não lhes fazem concorrência, tampouco lhes subtraem os alimentos. Pois, os únicos pássaros com os quais os vorazes pardais cariocas permitem convivência são esses ágeis marromzinhos pequenos columbiformes.

A alguns metros da janela, vejo uma viçosa árvore copada que, em certa época do ano, em



sabiás-da-praia.

É para esse território proibido, propriedade particular das sabiás-da-praia, que, quase sempre às mesmas horas da tarde, dirige-se uma portentosa asa-branca. Ela vem num largo e preguiçoso vôo, provavelmente já cansada de suas longas incursões em busca de sementes ou frutas, cerrado a fora, em sítios distantes.

Surge do espaço distante numa descaída íngreme e lenta, já demonstrando cansaço e ansiedade pelo pouso tranqüilo e acolhedor daquela árvore frondosa e sombria e senta numa forquilha. Inda bem não põe os pés naquele estrito território das sabiás, já é enxotada furiosamente, levantando novo vôo e se perdendo no horizonte já em lusco-fusco... Ela esquece que aquele território, inexpugnável, é exclusivo dos pássaros bravos.

Apurando-se a vista, ainda se vê a asa-branca enfiando-se pelo horizonte na sua desesperada fuga de largas aladas...

meio às chuvas, ganha uma tonalidade verde-amarelo, coberta de flores. No seu topo, cresce uma espécie de galho como se uma vara fosse, vertical, que se esgueira para cima em busca de espaço cada vez mais alto.

Esse pequeno ou imenso território é, a ferro e fogo, ocupado por duas sabiás-da-praia. São donas absolutas do espaço e ficam, principalmente à tardinha, devorando os desavisados insetos que por ali sobrevoem... Nenhum outro pássaro aproxima-se daquele território sem correr o risco de uma repressão sem quartel que lhe moverá o casal de

ndo...

Mello



Câmara Legislativa do Distrito Federal

Vice-Presidência:

Deputado José Edmar Cordeiro
Coordenadoria de Editoração e

Produção Gráfica:

Nelson Pantoja

Editor DF-Letras: Chico Nóbrega

Projeto Gráfico: Cláudio Gardin

Programação Visual: Marcos Lisboa

Capa: Cláudio Gardin

Fotografia: Silvio Abdon,

Carlos Oandra e Fábio Rivas

Revisão: Vania Maria Codeço Velloso
e Anamaria Silva Pinheiro

Ilustradores:

Ana Caçador, Margarette de Cássia,
Cláudio Gardin e Marcelo Perrone

Digitadores:

Sérgio Cáceres, Oilberto Lucas e
Chrissoula Pappas

Chefe da Seção de Editoração:

Oilmar Martins Borges

Equipe:

Antônio Eufrauzino, Apolo

Quandalini, Cláudio de Deus,

Francisco Dino, Hélio Araújo, Antônio

de Brito, José C. de Sousa, Nelci

Stein, Márcia Machado, Valter

Oonçalves e Nilza Márcia Gerin

Chefe da Seção Gráfica:

Randal Martins Junqueira

Equipe:

Abimael Amorim, Adailton Oodoy,

Antônio Carlos Pereira, Carlos A. de

Macedo, Celso Santana, Denilson

Caldas, Edson de Lima, Olacy Barroso,

Oonçalo Magalhães, Jonatas Martins,

José Oomes, José Bergamaschi, José

de Albuquerque, Lázaro Tolentino,

Luiz Fidyk, Oscar Monterrojas,

Reinaldo Andrade, Rogério Muniz,

Vicente Lima e Wilton Pimentel

Tiragem: 5 mil exemplares

Esta edição compreende os meses de
março e abril, números 25 e 26
respectivamente.

Os autores das matérias publicadas
não recebem qualquer valor
pecuniário e é de sua inteira
responsabilidade o conteúdo das
mesmas.

Redação:

Coordenadoria de Editoração e

Produção Gráfica

Fones: (061) 348-8412 e 348-8959

Fax: (061) 348-8316

**Câmara Legislativa do
Distrito Federal**

SAIN - Parque Rural

CEP 70086-900 - Brasília-DF

Fone:(061) 348-8000

Parabéns

Acuso recebimento impresso DF-Letras nº 23 e 24. Quero parabenizá-los. Excelente trabalho de divulgação ao tempo em que agradeço remessa referida publicação.

Senador Carlos Wilson

Assinatura

A Chefia da Biblioteca da Universidade Estadual do Mato Grosso, campus de Sinop, MT, vem por meio deste solicitar de V.S.^a a assinatura da revista DF-Letras para ser utilizada em nossa Biblioteca.

Temos certeza que será de grande valia para o público acadêmico de nosso campus, uma vez que conhecemos a mesma e consideramos de relevante valor.

Esperamos contar com sua aquiescência e antecipadamente agradecemos.

Ivone Gruber - MT

Athos Bulcão

Tivemos a oportunidade de conhecer sua publicação DF-Letras e como uma Fundação sediada em Brasília com projetos na área de educação, ecologia, cultura, arte, etc., gostaríamos de receber periodicamente um exemplar de sua publicação. Aproveitamos para apresentar-lhe a Fundação Athos Bulcão, uma organização não governamental, entidade cultural sem fins lucrativos.

Agradecemos sua atenção e desejamos êxito em seu trabalho.

Atenciosamente,

Carla Queiroz - DF

Alternativos

Ao receber o último DF-Letras que havia se transformado em uma bela revista, preenchi a pesquisa DF-Letras e recortei, mas ao

procurar o endereço para enviar o recorte, não encontrei pois um amigo havia levado a revista.

Aqui em casa, livros, periódicos diversos e até fanzines juvenis são imediatamente passados adiante. Cultura tem que circular.

Reafirmo a minha sugestão: cedam espaço à divulgação de livros alternativos. As grandes e médias editoras muitas vezes preferem comprar do exterior livros de qualidade duvidosa para lançar no país, pois o preço é mais atraente.

Enquanto isso, o escritor nacional fica submerso na obscuridade.

Anita Costa Prado - SP

Lixão

Recebemos e agradecemos o nº 21 e 22 da revista DF-Letras, editada por essa Câmara Distrital.

Agradecemos sua gentileza e solicitamos a V.S.^a que transmita ao redator da matéria ISOLETE & NIRVANA (cópia anexa) nossos agradecimentos através do documento que estamos enviando juntamente com este.

Aceite nossos agradecimentos por todo apoio que V.S.^a tem dado ao nosso trabalho com as crianças da Vila Estrutural, antigo Lixão. Aproveitamos a oportunidade para reiterar protestos de estima e consideração.

Isolete Pereira, presidente da Fundação Brasília de Artes e Humanidades - DF

Obra-prima

Quero acusar o recebimento do DF-Letras, nº 21 e 22, e agradecer, por este acima citado, e pelos anteriores já por mim recebidos.

Trata-se de uma excelente revista. Uma pequena obra-prima gráfica informativa/cultural.

Parabéns!

Aguardo o próximo número.

Atenciosamente,
Renato B. Martins
Santa Cecília - SP

Nocaute

Caro confrade Nelson Pantoja.

Se v. tivesse respondido à minha carta apenas com cortesia, eu já me teria sentido vencido (e satisfeito com a minha derrota). Mas v., perspicaz, tratou-me com carinho e, então, eu fui logo ao chão, completamente nocaute!

O que importa principalmente, afinal, não somos nós mas, sim, a cultura brasileira e o triunfo do DF-Letras. Vejo, radiante, que esse triunfo já está assegurado.

Desejando-lhe sucesso e felicidade, despeço-me com forte abraço.

Cassiano Nunes - DF

Dulcina

Tivemos o prazer de receber o exemplar 23/24 da DF-Letras, uma publicação de excelente conteúdo e primorosa apresentação gráfica, direcionada às atividades culturais do DF.

Nesta edição, sobressaem, entre outros, dois assuntos que consideramos mais relevantes: a importância da Fundação Brasileira de Teatro, fundada há 41 anos pela extraordinária atriz Dulcina de Moraes - e por onde passaram, como alunos ou professores, expressivas figuras do nosso teatro - e um breve enfoque histórico da mineiríssima cidade de Paracatu, como parte do projeto de conhecer a história do Entorno "com objetivo de contar às novas gerações como foi a colonização do Planalto Central".

Parabéns! E continuamos aguardando os novos exemplares de DF-Letras, para deliciosa leitura de fins de semana.

Atenciosamente,

Lázaro Marques Neto
Presidente do Sindivarejista - DF

DF-Letras em Braille

Ronaldo Caggiano trará em breve *Canção Dentro da Noite*, novo livro de poemas. O poeta, mineiro de Cataguases, está ultimando um romance picaresco intitulado *O Corcunda de São José dos Campos*, uma ficção sobre a política de sua terra natal.

O DF-Letras adotará em breve mais uma iniciativa ousada. Passaremos a publicar um encarte totalmente em linguagem Braille para atender um significativo número de deficientes visuais do Distrito Federal. A decisão foi anunciada pelo deputado José Edmar Cordeiro, vice-presidente da Câmara Legislativa do DF, ao participar das comemorações do primeiro ano de funcionamento da biblioteca Braille Dorina Nowill, de Taguatinga, em maio último.

À solenidade compareceram cerca de 150 pessoas, entre deficientes visuais, escritores e convidados. Paralelamente, foi lançada a contuidade do



Os deficientes visuais terão oportunidade de conhecer a literatura brasileira e de outros grandes autores nacionais

Projeto Luz & Autor, em Braille, agora no seu segundo ano. O projeto, coordenado pela professora Dinorá Caçado, conta com o apoio de Maria Dalila Brito, que supervisiona a biblioteca Braille.

volvido pelas professoras já possibilitou a transcrição para o Braille de 35 obras de autores de Brasília.

O trabalho desen-



Revista literária

O DF-Letras comemorou em grande estilo, no Teatro Nacional, em Brasília, a divulgação do seu último número. A solenidade realizada no dia 24 de maio contou com as presenças do presidente da Câmara Legislativa, deputado Geraldo Magela, do vice-presidente da Casa, deputado José Edmar Cordeiro (discursando

na foto), do prefeito de Paracatu (MG), Manoel Borges, além de escritores e poetas.

No relançamento da revista em Paracatu, foi a vez do deputado José Edmar e da equipe do DF-Letras serem homenageados na Casa da Cultura daquele município pelo prefeito Manoel Borges e todo povo paracatuense.

Notícias de Goiás

O escritor e historiador Paulo Bertran lança, em agosto, *Notícia Geral da Capitania de Goiás*, coletânea de documentos originais, que ele encontrou após minuciosa pesquisa realizada na Biblioteca Nacional do Rio e nos Arquivos de Lisboa. Com apoio da Assembléia Legislativa de Goiás, o livro será lançado em Goiânia e Brasília, sucessivamente.

filmes
de
Glauber

Uma boa notícia para os cinemaníacos de Brasília: Glauber Rocha ressuscita na Biblioteca Demonstrativa de Brasília. Não tem nada de sobrenatural; trata-se apenas da abertura do Cineclube Glauber Rocha, que estava desativado há cinco anos.

Nilton Maciel, escritor brasileiro, está preparando a edição de mais um livro. Navegador, cujo lançamento será em breve, sairá pela Editora Códice e reúne a última produção do escritor, já premiado em vários concursos literários.

A árvore

pro Bené Fonteles

as árvores dominam o planeta
e o papel dos seus talões de cheques
são feitos de peles humanas

as árvores dominam o planeta
e os móveis de suas casas
são feitos de ossos humanos

as árvores dominam o planeta
e seus carros são movidos
a gás metano produto
da decomposição de corpos humanos

as árvores dominam o planeta
e bebem sucos especiais,
mistura de saliva e sangue,
produzidos por células humanas

as árvores dominam o planeta
e fertilizam o solo
com carne humana moída

as árvores dominam o planeta
e olhos humanos fazem a delícia
dos cafés da manhã e alegam as feiras
do bairro nas florestas populosas

as árvores dominam o planeta
e escolhem as modelos mais lindas
para enfeitar suas praças

as árvores dominam o planeta
e quando têm frio queimam
grande quantidade de carne humana
congelada, estocada permanentemente
no pólo norte.

Nicolas Behr

O baile na flor

Que belas as margens do rio
possante,
Que ao largo espumante
campeia sem
par!...
Ali das bromélias nas flores
doiradas
Há sílfos e fadas, que fazem
seu lar...

E, em lindos cardumes
Sutis vaga-lumes
Acendem seus lumes
Pra o baile na flor.
E então - nas arcadas
Das pet'las doiradas,
Os grilos em festa
Começam na orquestra
Febris a tocar...

E as breves
Falenas
Vão leves,
Serenas,
Em bando,
Girando,
Valsando,
Voando
no ar!...

Castro Alves

Motivo

Não são as gaiotas de março,
são as pedras do ano todo...
Que ilusões cercam os sonhos
e que sonhos cercam a vida?
Sim, a vida apenas segue...
E segue cega porque não pode
ver
as estrelas que fazem a curva
infinita
e as águas que jamais ousei beber.
O que explica a paz é o silêncio.
E nele, há toda a esperança
que me banha o espírito.

Claudia Viviane

Legado

Legaram-me as cordas,
Bordas, de um louco
silêncio
(Bor) dado.

Silêncio, então entre
Elas, como um ponteiro
Exilado no acordo
De um relógio
Inacordado.

Bate o tempo no relógio,
Bate o relógio no tempo:
Box! Box! Box!!!

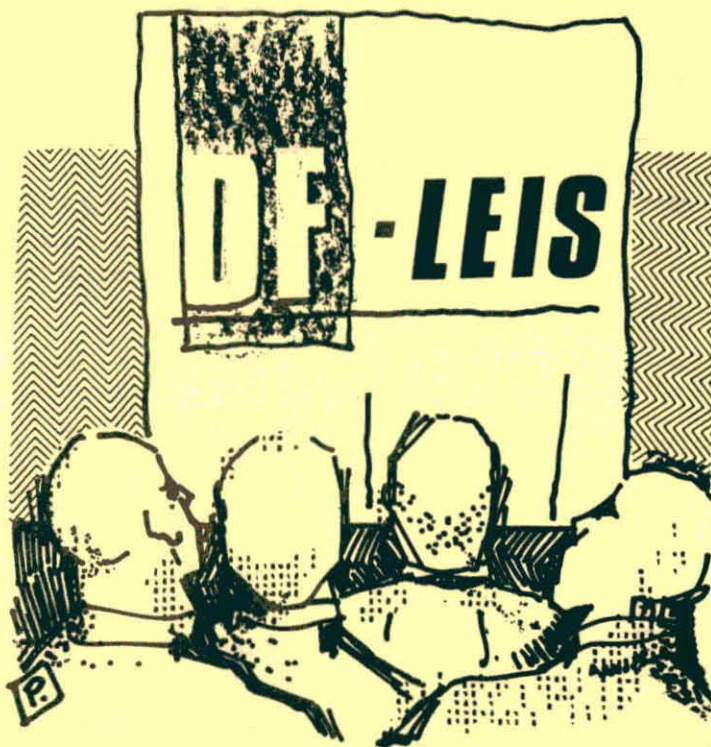
Legaram-me o silêncio,
Com suas cordas e seu
pêndulo,
Na parede do mundo -
O mundo-relógio.

Se já não há mais
Diálogo, entre uma máscara
E outra, legaram-me
O silêncio.

- Surdo e mudo? -
Como o tique-taque
De um ataque absurdo.

Delermundo Vieira

Você sabia que a Lei nº 231, de 13 de janeiro de 1992, da primeira legislatura, cria o Conselho de Política Agrícola e Agrária do Distrito Federal? (Leia na página 3.)



Você sabia que a Lei nº 273, de 28 de maio de 1992, da primeira legislatura, propõe a utilização de trens para atender o Entorno do DF? (Leia página 7)

DF-Leis se firma perante os leitores

Os leitores do DF-Letras têm-se manifestado de forma muito positiva sobre a importância do nosso encarte DF-Leis. Estes leitores consideram que o resgate dessas leis é fundamental para que o cidadão tome conhecimento e consciência dos instrumentos legais que podem melhorar suas vidas no dia-a-dia.

Assim, a partir deste número, o encarte DF-Leis terá oito páginas. Entretanto, manteremos a mesma orientação editorial: as leis serão publicadas de forma resumida e em ordem cronológica de aprovação.

Algumas leis publicadas nesta edição trazem a expressão "promulgada". Isso significa que elas foram vetadas pelo Executivo, e a Câmara Legislativa derrubou o veto do governador. Quando isto acontece, o presidente da Câmara promulga a lei, que tem a mesma validade legal que a lei sancionada pelo Executivo.

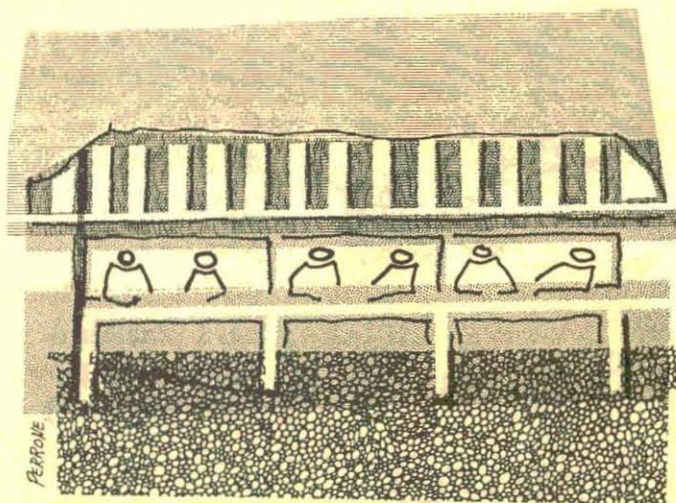
POLUIÇÃO

Antitabagismo

Brasília foi uma das primeiras cidades no país a destinar local para não fumantes nos restaurantes e lanchonetes. A proposta foi apresentada à Câmara pelo deputado Peniel Pacheco, através do PL nº 177/91, transformado na Lei nº 251, de 6 de abril de 1992. A lei foi promulgada pela Câmara Legislativa.

Pela lei, os restaurantes, lanchonetes, pizzarias e assemelhados localizados no DF têm de destinar no mínimo 50% do total de seus lugares aos não fumantes.

MICROEMPRESÁRIO



Feiras livres

Para evitar o crescimento desordenado de feiras livres e disciplinar o funcionamento das feiras permanentes nas cidades-satélites do Distrito Federal, o deputado Salviano Guimarães apresentou à Câmara Legislativa o PL nº 167/91, que regulamenta a questão.

A proposta do parlamentar transformou-se na Lei nº 235, de 15 de janeiro de 1992. A iniciativa é considerada bastante positiva pois, além de possibilitar o surgimento de novos micro e pequenos empresários, ampliou significativamente as oportunidades de empregos.

ENSINO

Verbas para escolas

A deputada Lúcia Carvalho propôs o PL nº 170/91, e a Câmara Legislativa promulgou a Lei nº 250, de 3 de abril de 1992, que dispõe sobre a descentralização de recursos para a gestão do ensino público no Distrito Federal. O objetivo da lei é atender às necessidades imediatas de conservação das instalações e suprimento de materiais de consumo dos estabelecimentos de ensino da rede pública.

A lei prevê que o repasse dos recursos será feito diretamente às unidades de ensino, ou na regional de ensino à qual a escola estiver vinculada.

ZONEAMENTO

Terras públicas

O PL nº 214/91, de autoria do deputado Carlos Alberto, dispõe sobre a autorização legislativa para alterações nos códigos de edificações, nos gabaritos de edificações, no zoneamento e destinação das terras públicas do Distrito Federal.

Transformado na Lei nº 245, de 27 de março de 1992, promulgada pela Câmara Legislativa, tinha por objetivo proteger os bens artísticos, paisagísticos, rurais e urbanos do DF, enquanto a Lei Orgânica não tivesse sido elaborada.

DEFICIENTES

Maior facilidade de locomoção

Quem já precisou usar uma cadeira de rodas ou conhece algum deficiente físico sabe o quanto é difícil movimentar-se nas ruas e entrar e circular dentro dos edifícios. Essas dificuldades fizeram com que o deputado Benício Tavares apresentasse o PL nº 078/91, transformado na Lei nº 258, de 5 de maio de 1992, tratando da matéria.

A lei define e obriga que as construções de edifi-

cios e logradouros assegurem o livre acesso das pessoas portadoras de deficiências físicas. Agora, os construtores são obrigados a colocar nos edifícios rampas, pisos antiderrapantes, sistemas de alarme de incêndio com sinalização sonoro-luminosa, sanitários e orelhões públicos adaptados, entre outras facilidades.

SAÚDE

Atendimento geriátrico

O Governo do Distrito Federal tem a obrigação de implantar em todos os hospitais e centros de saúde da Rede Hospitalar Pública ambulatórios e clínicas geriátricas. É o que dispõe a Lei nº 233, de 15 de janeiro de 1992, originada do PL nº 135/91, de autoria do deputado Jorge Cauhy.

Os recursos para implantação dos ambulatórios e clínicas geriátricas deverão constar no Orçamento de investimentos e custeio de Saúde do Distrito Federal.

GRADES



Mais segurança

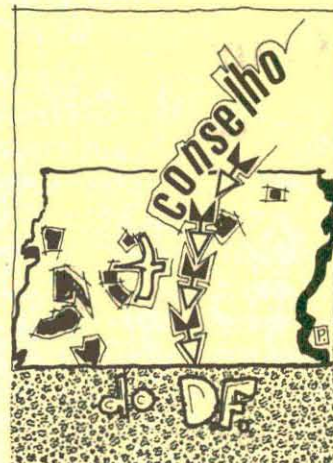
Como várias outras regiões administrativas do DF, o Guará ganhou a Lei nº 249, de 3 de abril de 1992, que autoriza a construção de cobertura e fechamento com grades das áreas verdes frontais aos lotes residenciais daquela satélite. O PL nº 172/91, de autoria do deputado Cláudio Monteiro, foi promulgado pela Câmara Legislativa.

A lei garantiu maior segurança aos moradores do Guará, diminuindo os índices de criminalidade naquela satélite, principalmente os crimes contra o patrimônio.

TERRA

Política Agrícola e Agrária

O deputado Aroldo Satake apresentou na primeira Legislatura o Projeto de Lei nº 050/91, autorizando o Poder Executivo a criar o Conselho de Política Agrícola e Agrária do Distrito Federal. A proposta foi transformada na Lei nº 231, de 13 de janeiro de 1992.



Em sua justificativa o parlamentar afirma que as soluções para os grandes e graves problemas do setor são urgentes e somente com a participação da comunidade, através de um Conselho, trabalhando em conjunto com o Poder Público, poderá viabilizar resultados produtivos e a curto prazo.

COMUNIDADE

Direito de reunião

O PL 129/91 assegura às entidades organizadas, grupos de moradores e movimentos culturais o direito de reunião nas dependências dos estabelecimentos públicos de ensino do Distrito Federal. De autoria do deputado Geraldo Magela, o PL transformou-se na Lei nº 243, de 13 de março de 1992, promulgada pela Câmara Legislativa.

Pela proposta, essas entidades terão acesso aos auditórios, equipamentos de som e audiovisuais pertencentes às escolas ou Regionais de Ensino. Para tanto, basta solicitar previamente o uso deles à di-

reção dos estabelecimentos de ensino público e assinar documento responsabilizando-se por eventuais danos causados ao patrimônio público.

RASPADINHA

Loteria social

Hoje em dia as loterias são uma realidade. Bem exploradas e administradas, elas podem transformar-se em fontes de recursos para o custeio de programas sociais. A partir desta constatação, o deputado Tadeu Roriz propôs a criação da Loteria Social no Distrito Federal, através do PL nº 108/91, transformado na Lei nº 232, de 14 de janeiro de 1992.

A loteria, do tipo instantânea, captará recursos para financiar programas nas áreas social e comunitária, dando ênfase à saúde, educação, habitação popular, infra-estrutura básica e esporte amador. Os programas beneficiarão, exclusivamente, comunidades carentes, crianças abandonadas, idosos e ex-presidiários.

PROFISSIONALIZANTES

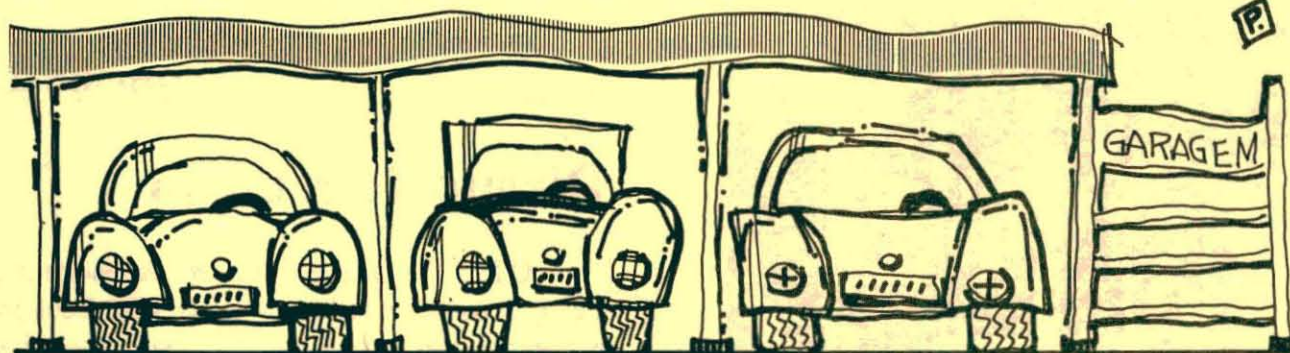
Escolas públicas terão cursos técnicos



A Lei nº 269, de 28 de maio de 1992, de autoria da deputada Rose Mary Miranda, apresentada através do PL nº 059/71, autorizou o Governo do Distrito Federal a por em funcionamento os cursos técnicos profissionalizantes de nível médio, no âmbito do Sistema de Ensino do DF.

Segundo a Lei parlamentar, os cursos serão oferecidos nas áreas de saúde, engenharia, computação, agrícola, veterinária, administração e artes gráficas. Os cursos poderão funcionar nos três turnos e não haverá limite de idade para poder frequentá-los. A Secretaria de Educação deverá reservar ao ensino técnico profissionalizante nas escolas públicas do DF, no mínimo 20% do total das matrículas previstas para o 2º grau.

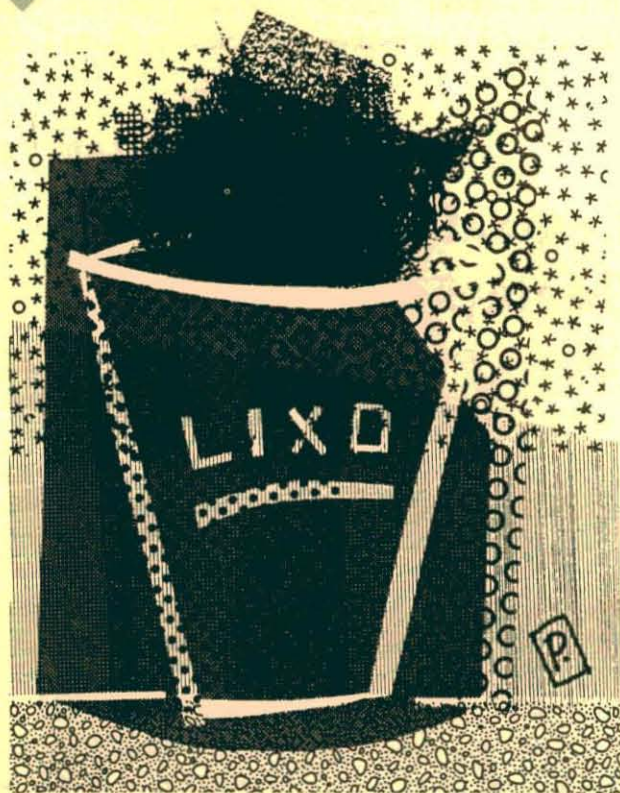
GARAGENS



Proteção de veículos

O deputado Benício Tavares apresentou na primeira legislatura o PL nº 037/91, transformado na Lei nº 246, de 31 de março de 1992, promulgada pela Câmara Legislativa, que autoriza a construção de coberturas para os estacionamentos dos blocos de apartamentos que não possuam garagens cobertas.

As autorizações para construção das coberturas ficam condicionadas a um estudo técnico e aprovação de projeto específico, para cada caso, pelo órgão competente na estrutura administrativa do GDF. Segundo o parlamentar, existem em Brasília diversos blocos de apartamentos sem garagens. Isso traz sérios inconvenientes aos moradores, ocasionando prejuízos aos veículos estacionados sem a proteção adequada.

INCINERADORES**Gases venenosos**

Brasília tem uma lei específica que trata do lixo hospitalar. A Lei nº 247, de 31 de março de 1992, de autoria do deputado Eurípedes Camargo, apresentada à Câmara Legislativa através do PL nº 216/91, dispõe sobre a seleção, coleta e destino dos resíduos gerados por estabelecimentos de serviços de saúde. A lei foi promulgada pela Câmara Legislativa.

A lei tem por objetivo evitar a incineração do lixo hospitalar, que é altamente nocivo à qualidade de vida da população e ao meio ambiente. Entre outros malefícios, os incineradores liberam gases venenosos, que podem provocar câncer e malformações de bebês.

VEÍCULOS**Veículos especiais**

O deputado Benício Tavares apresentou à Câmara o Projeto de Lei nº 014/91, propondo ao Poder Executivo a concessão de isenção do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICMS) na compra de veículos adaptados ao uso de pessoas paraplégicas ou portadoras de deficiência física, impossibilitadas de utilizar veículos comuns.

A iniciativa do parlamentar foi transformada na Lei nº 261, de 6 de maio de 1992, que autoriza o GDF a conceder as isenções para compra de veículos, uma vez a cada três anos, pelos deficientes físicos.

PREVIDÊNCIA**Servidores do DF ganham Instituto**

Os servidores públicos do DF já dispõem de um Instituto de Previdência e Assistência. O IPASFE foi uma iniciativa da deputada Rose Mary Miranda, proposta através do PL nº 006/91, transformado na Lei nº 260, de 5 de maio de 1992.

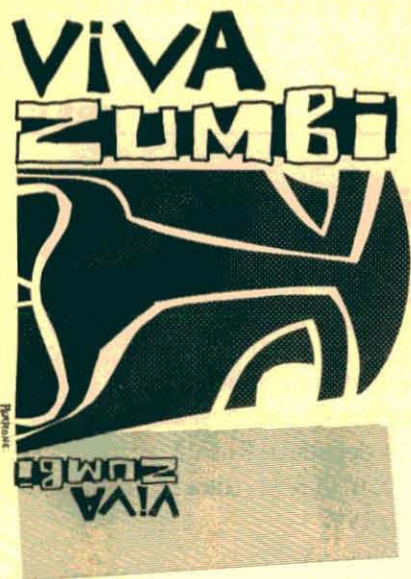
A lei autoriza o GDF a tomar as providências necessárias para que o Instituto entre em pleno funcionamento. Os servidores e seus dependentes terão direito a vários benefícios, assistência financeira e serviços, além da aposentadoria do titular.

FEIRANTES**Lei aprimora legislação**

A bancada do Partido dos Trabalhadores apresentou o PL nº 330/92, propondo a alteração de partes da Lei nº 235, que trata do funcionamento das Feiras-Livres e Permanentes existentes no Distrito Federal. A iniciativa foi transformada na Lei nº 259, de 5 de maio de 1992.

Entre as diversas modificações propostas, a Lei determina que para a manutenção e conservação das instalações que compõem as Feiras Permanentes e, havendo interesse dos feirantes, poderão ser organizados condomínios, respeitando a legislação sobre o assunto.

QUILOMBO



Consciência negra

O Distrito Federal comemora a "Semana da Consciência Negra" na semana de 20 de novembro, data nacional da Consciência Negra. Os festejos fazem parte do calendário comemorativo oficial do Governo do Distrito Federal.

A Lei nº 244, de 18 de março de 1992, originada do PL nº 180/91, de autoria do deputado Agnelo Queiroz, tem por objetivo conscientizar os brasilienses para o problema social dos negros e a falta de oportunidades no seio da sociedade. Na data escolhida, 20 de novembro, comemora-se a morte de um herói da raça negra, o Rei Zumbi, dos Palmares, um quilombo formado por escravos fugidos e dizimado pelas forças oficiais do Império. Palmares ficava em Alagoas.

COLETIVOS

Isenção de tarifas

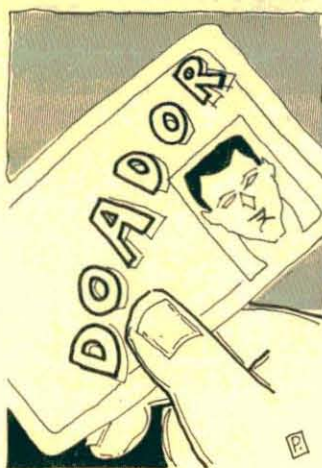
O deputado Salviano Guimarães apresentou na primeira legislatura o Projeto de Lei nº 328/92, que dispõe sobre a concessão de subsídios aos usuários de transportes coletivos que servem às cidades-satélites de Brazlândia e Planaltina e a todas as linhas rurais do Distrito Federal.

Os deputados Cláudio Monteiro, Edimar Pireneus e Benício Tavares foram os co-autores do PL, transfor-

mado na Lei nº 240, de 28 de fevereiro de 1992. A lei autorizou também a isenção de tarifas cobradas a estudantes, idosos e portadores de deficiências físicas.

TRANSPLANTES

Central de Captação de Órgãos



O PL nº 053/91, de autoria do deputado Agnelo Queiroz, transformado na Lei nº 264 de 6 de maio de 1992, criou o documento de autorização oficial de doação de órgãos. Com a instituição desta carteira, ela passa a ser a única exigência legal necessária para a retirada de órgãos passíveis de serem transplantados quando da morte do doador.

A lei criou, também, a Central de Captação de Órgãos na estrutura administrativa do Distrito Federal com a finalidade de receber as notificações de morte dos doadores e sistematizar as informações sobre transplantes no DF.

PIONEIROS

Vila Planalto é assentada

A Vila Planalto foi um dos primeiros acampamentos instalados no Distrito Federal para a construção de Brasília. Mesmo com a consolidação da nova capital e a criação de várias cidades-satélites, centenas de pioneiros e suas famílias permaneceram morando naquele local sob a ameaça constante de serem removidos.

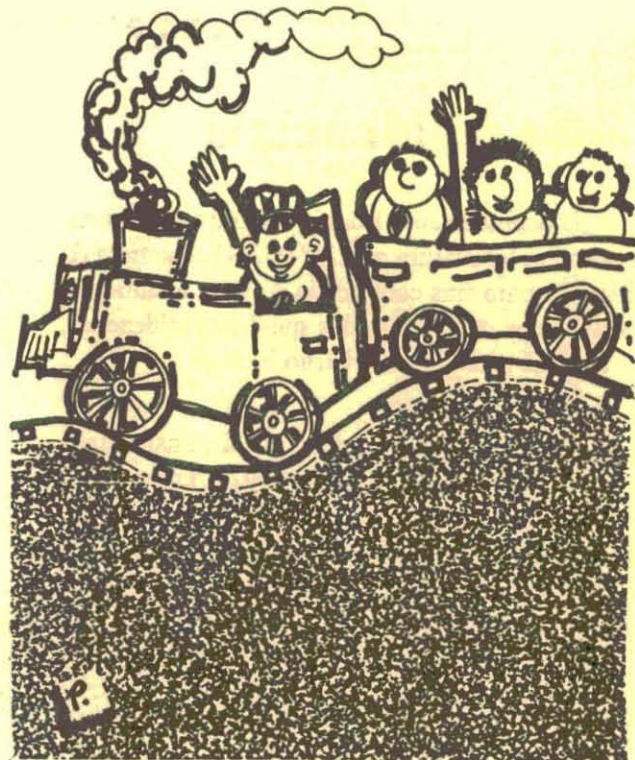
Diante deste quadro social, o deputado Fernando Naves apresentou o PL nº 339/92, que autoriza o Poder Executivo a fixar definitivamente os moradores pioneiros da Vila Planalto. A proposta foi transformada na Lei nº 271, de 28 de maio de 1992.

FUTEBOL

Título de cidadão

O Brasil é o país do futebol. E um dirigente fez com que o prestígio do futebol brasileiro ultrapassasse as nossas fronteiras. Pensando assim, o deputado Salviano Guimarães propôs à Câmara a concessão do título de cidadão honorário de Brasília ao presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA), João Havelange.

A proposta está contida no PL nº 305/91 e transformada na Lei nº 254, de 15 de abril de 1992.



FERROVIAS

Trem para Luziânia

Você já imaginou viajar de trem de Brasília até Luziânia, por exemplo? Seria um ótimo passeio, além de ser de grande utilidade para o transporte de cargas e passageiros da região do Entorno para o Distrito Federal. Esta possibilidade existe.

O deputado José Edmar Cordeiro apresentou à Câmara o PL nº 016/92, que autoriza o Governo do Distrito Federal a celebrar convênio com o go-

verno de Goiás e o governo Federal, visando a implantação de um sistema ferroviário de transporte de passageiros e cargas entre o DF e a região sul do Entorno, utilizando a linha férrea já existente. A proposta foi transformada na Lei nº 273, de 28 de maio de 1992.

ÍNDICE DAS LEIS

- | | | |
|---|--|---|
| <input type="checkbox"/> Lei nº 231/92
Política agrícola e agrária | <input type="checkbox"/> Lei nº 245/92
Terras públicas | <input type="checkbox"/> Lei nº 259/92
Feirantes |
| <input type="checkbox"/> Lei nº 232/92
Loteria social | <input type="checkbox"/> Lei nº 246/92
Proteção de veículos | <input type="checkbox"/> Lei nº 260/92
Ipasfe |
| <input type="checkbox"/> Lei nº 233/92
Atendimento geriátrico | <input type="checkbox"/> Lei nº 247/92
Gases venenosos | <input type="checkbox"/> Lei nº 261/92
Veículos especiais |
| <input type="checkbox"/> Lei nº 235/92
Feiras livres | <input type="checkbox"/> Lei nº 249/92
Grades no Guará | <input type="checkbox"/> Lei nº 264/92
Doação de órgãos |
| <input type="checkbox"/> Lei nº 240/92
Isenção de tarifas | <input type="checkbox"/> Lei nº 250/92
Verbas para escolas | <input type="checkbox"/> Lei nº 268/92
Comércio em residências |
| <input type="checkbox"/> Lei nº 243/92
Direito de reunião | <input type="checkbox"/> Lei nº 251/92
Antitabagismo | <input type="checkbox"/> Lei nº 269/92
Cursos técnicos |
| <input type="checkbox"/> Lei nº 244/92
Consciência negra | <input type="checkbox"/> Lei nº 254/92
Título de cidadão | <input type="checkbox"/> Lei nº 271/92
Vila Planalto |
| | <input type="checkbox"/> Lei nº 258/92
Deficientes físicos | <input type="checkbox"/> Lei nº 273/92
Ferrovias |